



PUC RIO

ANA MARIA LOFFREDO SEVÁ

ANGÚSTIA E REPRESSÃO
UM ESTUDO CRÍTICO DO ENSAIO
"INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA"

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, março de 1975.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

PU

DOAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Psicologia

ANGÚSTIA E REPRESSÃO
UM ESTUDO CRÍTICO DO ENSAIO
"INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA"

Ana Maria Loffredo Sevã

Tese submetida como requisito
parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia.

Rio de Janeiro, março de 1975.

BE
UNIVERSIDADE CAROLINA
09290
BIBLIOTECA
07-9-77
RIO DE JANEIRO
31535

ve-19601-7

150
3497
TESE VC

M. G.

21. 1961. 1961

Para Oswaldo

Como se desenvolveu esse trabalho

A Professora Circe Navarro Rivas, que me orientou, no início desse trabalho, quando seu rumo pretendia ser diferente, agradeço pela amizade que sempre demonstrou nas horas mais difíceis.

Ao Dr. Carlos Paes de Barros, pelo conhecimento que pude adquirir sob sua orientação e pela lucidez e apoio demonstrados na etapa particularmente conflitante do final desse trabalho, meu sincero agradecimento.

A Eurico e Climene, meus pais, que me ajudaram a desenvolver o gosto pelo estudo e pelo conhecimento, minha sincera gratidão.

O Oswaldo esteve sempre presente, estimulando-me à crítica e à criatividade, e vivendo de perto os altos e baixos que acompanharam esse processo - que acabou significando, para nossa vida comum, uma experiência muito importante.

Meu agradecimento especial a Zeneide Faria Jacob, pelo carinho e apoio com que me acompanhou na montagem final desse trabalho.

Participaram, ainda, desse trabalho, auxiliando-me em alguns momentos de insegurança e dúvida, C. Cesar Castellar Pinto, Ary Band e Neide Pereira Nóbrega.

Agradeço a Zeneide e Berenice pelo trabalho de datilografia.

Um texto é uma proposta
uma sedução
um processo
Um texto é, principalmente,
uma vivência.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1	Angústia Econômica e Sinal de Angústia	1
2	A Repressão	13
3	A Angústia em Três Tempos	27
3.1.	- A Angústia na Neurose de Angústia	27
3.2.	- A Angústia na Histeria de Angústia	39
3.3.	- A Angústia em "Inibição, Sintoma e Angústia"	43
4	Angústia, Regressão, Defesa e Escolha da Neurose	65
5	Duas Teorias da Angústia ou duas etapas do processo Defensivo?	85
	CONCLUSÃO	92
	BIBLIOGRAFIA	95

SUMÁRIO

O objetivo desse trabalho é efetuar um estudo da relação entre Repressão e angústia na obra freudiana.

Revedo as principais obras teóricas sobre o assunto, pudemos retirar delas, a presença de três teorias sobre a angústia, embora Freud e os autores em geral refiram-se a apenas duas teorias. Na primeira, presente no início de seus trabalhos teóricos (1895), o aparecimento da angústia é explicado por uma transformação da excitação sexual, que se acumula e ultrapassa um valor limiar, no sistema Psi-nuclear por não se descarregar adequadamente; trata-se da angústia econômica ou automática. Sua formulação foi possível através do estudo das neuroses de angústia. A segunda teoria aparece quando a histeria de angústia é classificada como um processo patológico independente (1909); nela, a angústia é considerada como um dos produtos possíveis de serem obtidos através da repressão, pela transformação da libido. A terceira teoria, de 1926, pretende ser uma reformulação da anterior; segundo ela, a angústia é liberada intencionalmente pelo ego - sinal de angústia - frente a situações de perigo, que representam ameaças de ocorrência de uma situação traumática. Essa sinalização é uma condição necessária para colocar o processo defensivo em andamento.

Nossa proposta é que cada uma dessas supostas teorias independentes correspondem a componentes de uma só teoria, referentes a etapas de um mesmo processo. A primeira experiência de angústia (angústia econômica) é registrada no sistema Psi-Pallium (sinal de angústia), sendo que o aparecimento do estado afetivo ansioso corresponde a uma reativação desse engrama.

Desse modo, o sinal de angústia supõe, sempre, a existência de uma descarga anterior de angústia automática. Esclareceremos que esse engrama pode ser adquirido, no decorrer da existência do indivíduo, ou fazer parte de sua bagagem filogenética; no último caso, corresponde a memória de uma experiência de castração. Uma vez ativado o sinal de angústia pelo ego, sinalizando uma situação de perigo, surgirá a regressão, como condição ao aparecimento da defesa. Se esse mecanismo de defesa for a repressão, ocorrerá a decatetização da idéia e do afeto componentes do impulso instintivo, que passam a pertencer, respectivamente, como uma memória e uma estrutura afetiva, ao sistema Inc..

O tipo de neurose dependerá da direção seguida pela libido removida e essa direção é determinada pelo nível de fixação, que, por sua vez, representa o fator específico da causação da neurose. A catexe poderá deslocar-se para uma memória kinestésica e daí para os órgãos efetores e músculos esqueléticos e, nesse caso, teremos uma histeria de conversão. Uma outra possibilidade é que a catexe se desloque para uma estrutura afetiva ansiosa e, então, haverá uma descarga visceral, quando aparecerá o quadro da histeria de angústia.

Se a catexe deslocar-se para uma estrutura afetiva e uma memória quaisquer, aparecerá o afeto obsessivo e a idéia obsessiva, tratando-se nesse caso, da neurose obsessiva.

SUMMARY

The subject of this work is the study of the relationship between repression and anxiety in freudian theoretical work. We found three theories of anxiety to be present, even though Freud and others generally refer to only two.

In the first, presented at the beginning of Freud's theoretical formulations (1895), the incidence of anxiety is explained as a transformation of sexual excitation which accumulates and surpasses a threshold value, in the nuclear-Psi system, because of lack of adequate discharge. This is economical or automatic anxiety, and the formulation of this theory was made possible through the study of anxiety neurosis. The second theory comes into play when anxiety hysteria is classified as an independent pathological process (1909); here, the anxiety is considered a result obtained through repression, by the transformation of libido. The third theory, published in 1926, is intended to be a reformulation of the second; it states that anxiety is liberated intentionally by the ego - signal of anxiety - when faced with a danger, that is, the threat of a traumatic situation. The emission of this signal is a condition necessary for the initiation of the defence process.

It is proposed in this work that these theories may be considered as steps in the same process. The first experience of anxiety (economic anxiety) is registered in the pallium-Psi system (signal of anxiety), and the appearance of anxious affective states corresponds to a reactivation of this signal. Therefore, the signal of anxiety always supposes the existence of a previous discharge of automatic anxiety. It will be made clear that this signal of anxiety may be acquired through the experiences lived

by the individual or may be transmitted philogenetically; in the second case, this would correspond to the memory of an experience of castration. Once the ego sends the signal of anxiety, there is regression as a condition for the occurrence of defence. The level of fixation will determine to which phase of its development the libido regresses and, also which type of defence will be used. In case of repression, there will be a withdrawal of cathexis from the idea and of the from affect (components of the instinctive impulse) which will belong to the Ucs. system, as a memory and an affective structure respectively. The type of neurosis will be dependent upon the direction of the removed cathexis, being that this direction is determined by the level of fixation, which is the specific factor in the causation of neurosis. The cathexis may be displaced in the direction of a kinesthetic memory, an anxious affective structure, another memory or any other affective structure. Each of these ends corresponds, respectively, to the conversion hysteria, anxiety hysteria and obsessive neurosis.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho pretendia ser, inicialmente, um estudo amplo do conceito de Repressão na obra freudiana. Tal objetivo parecia-nos plenamente justificado, considerando-se a sua importância dentro dessa obra, enfatizada pelo próprio Freud inúmeras vezes. Entretanto, no decorrer desse estudo, nosso interesse voltou-se de modo particular, para as relações da repressão com a angústia, ^{TEMA} que nos pareceu uma questão não suficientemente esclarecida. Pudemos perceber que estavam presentes na obra freudiana três teorias sobre a angústia, embora, os autores em geral e o próprio Freud se referissem apenas a duas teorias; na primeira delas, a angústia aparece como resultado da transformação de libido em consequência da repressão e na segunda está presente uma concepção exatamente contrária, sendo a angústia considerada como causa da repressão. A reformulação proposta por Freud, em 1926, no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ não explicava, entretanto, o aparecimento da angústia que aparece após a repressão. Embora, descritivamente, o autor reconhecesse a presença desse estado afetivo, após o processo defensivo, não achava possível conciliar seus pontos de vista anteriores com a nova formulação, segundo a qual o ego, sede da angústia, é quem a libera, intencionalmente, perante situações de perigo. Nosso objetivo, nesse trabalho, é tentar esclarecer essas formulações contraditórias e aparentemente irreconciliáveis. } *Thiele*

No primeiro capítulo, conceituaremos o sinal de angústia e a angústia automática ou econômica, introduzindo brevemente, os sistemas neurônicos propostos por Freud no "Projeto para uma Psicologia Científica"³⁸, com

o objetivo de melhor situarmos esses conceitos.

No segundo capítulo, analisaremos a repressão, tomando como base os artigos "A Repressão"¹³ e "O Inconsciente"²⁴, onde estão presentes as formulações mais elaboradas sobre ela. Faremos uma breve introdução sobre a importância desse conceito na obra freudiana e sobre a concepção freudiana de instinto.

O capítulo seguinte será o mais extenso de nosso trabalho e, nele, apresentaremos os três momentos nos quais a angústia aparece na obra freudiana: primeiro, no estudo da neurose de angústia onde está presente a angústia econômica ou automática; depois, quando a angústia é abordada em sua relação com a repressão, sendo considerada como resultado desta, por transformação de libido reprimida; e, finalmente, com a reformulação no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ segundo a qual a produção da angústia depende da atividade do ego, que a produz, intencionalmente, perante situações de perigo. Essas situações correspondem a ameaça de ocorrência de uma situação traumática, definida pela instalação, no sistema Psi-nuclear de um acúmulo de excitação supraliminar, que leva a produção da descarga automática de angústia. Efetuaremos, ainda, uma clara delimitação dos conceitos de repressão e defesa.

No Capítulo 4., situaremos o sinal de angústia no processo que leva ao aparecimento da neurose. Mostraremos que tal processo se inicia em situações de conflito e frustração, que podem ser consideradas como causas desencadeantes da doença; como representam situações de perigo para o ego, ocorrerá uma leve liberação de angústia, (sinal de angústia) que tem por função evitar o aparecimento de uma situação traumática (reativa-se o engrama filogenético da castração). Introduziremos a regressão como uma condição para o aparecimento da defesa. A

presentaremos o conceito "série complementar" e enfatizaremos o papel da fixação como fator específico da causação da neurose.

No último capítulo, tentaremos demonstrar, a partir do que expusemos nos capítulos precedentes, que as três teorias da angústia que retiramos da obra freudiana correspondem a etapas do mesmo processo.

ANGÚSTIA ECONÔMICA E SINAL DE ANGÚSTIA

Inicialmente, faremos uma breve referência aos sistemas neurônicos propostos por Freud no "Projeto para uma Psicologia Científica".³⁷ Nessa introdução, não pretendemos efetuar um estudo cuidadoso e detalhado da primeira topografia do aparelho psíquico; nosso objetivo é apresentar o mínimo instrumental teórico necessário para o entendimento dos conceitos de angústia econômica e sinal de angústia.

São três os sistemas neurônicos: ϕ (Phi), Ψ (Psi), ω (Ômega), sendo que, posteriormente, o sistema neurônico Psi é subdividido em Psi-nuclear e Psi-Pallium; o aparelho psíquico, propriamente dito, é formado apenas pelos sistemas Psi-Pallium e ω . Devemos introduzir, ainda o Psi-Pallium-inibido-pelo-ego, embora não conste assim de finido e delimitado na obra freudiana.¹

- a. Sistema Phi - os neurônios desse sistema caracterizam-se por receberem estimulação de fontes exógenas, daí serem relacionados à percepção. Sua estrutura não comporta energia armazenada, estando presente apenas uma corrente energética,^{1,38} que transmite a energia recebida dos estímulos externos. É regulado pelo princípio da inércia e realiza a função neurônica primária.
- b. Sistema Neurônico Psi-nuclear - nesse sistema temos os neurônios, suas interligações e as estruturas denominadas barreiras de contato. Esse sistema dá conta do armazenamento de energia que deve estar presen-

te no sistema nervoso. É importante do ponto de vista filogenético, sendo fundamental para a manutenção do ser vivo e da espécie.^{2,38} A função das barreiras de contato presentes nesse sistema não é, apenas, retardar a passagem de energia, mas elas também são capazes de transformar a pulsão em energia armazenada.^{1,38}

A energia total do sistema Psi é denominada catexe; a catexe acumulada em Psi-nuclear tende a manter-se num nível constante, mas há uma tolerância do sistema a afastamentos desse nível quando, então, ocorrem os estados de tensão nuclear, a partir das tensões de necessidade. Veremos que, para a produção de ansiedade, esse acúmulo de energia deve ultrapassar um determinado limiar; isso quer dizer que foi ultrapassado o limite dentro do qual a tensão é suportada pelo sistema. Não tendo sido "resolvida" por meio de vias adequadas, a excitação é acumulada, sua quantidade vai além desse limite e ocorre, então, a descarga de ansiedade.

Psi-nuclear é regulado pelo Princípio da Constância e realiza a função neurônica secundária, incumbida da realização de reflexos adequados, através dos quais o acréscimo de excitação é descarregado.

c. Sistema Neurônico Psi-Pallium - os dois sistemas citados anteriormente, não dão conta dos fenômenos propriamente psicológicos e, por essa razão, Freud subdivide o sistema Psi em Psi-nuclear e Psi-Pallium. O primeiro deles recebendo estimulação do interior do organismo, isto é, do soma e tendo como saída as vias motoras ou o sistema neurônico Psi-Pallium. A elaboração de Psi-nuclear foi necessária para explicar os fenômenos que gastassem mais energia do que a que entrava no sistema nervoso, ou seja, que se referisse a um acúmulo de excitação. Psi-Pallium foi elaborado para explicar a influência de experiências passadas nos processos que ocorrem no sistema nervoso.² Esse sistema

ma mantém ligações de um lado, com o sistema Phi, a partir do qual chegam a ele estimulações provenientes de fontes exógenas e, de outro, com o sistema Psi-nuclear, que serve de intermediário entre Psi-Pallium e as fontes endógenas.

O sistema Psi-Pallium é capaz de memória, aprendizagem associativa, impulso de desejo e repulsa. Assim, após uma experiência de satisfação, ficarão registrados nesse sistema tanto as imagens dos objetos de satisfação, como a dos reflexos adequados emitidos nessa ocasião, estabelecendo-se laços associativos entre esses engramas e a memória do desprazer que ocorreu em função da tensão nuclear. Quando, posteriormente, os neurônios nucleares são recatetizados, é evocada em Psi-Pallium a memória do objeto de satisfação, aparecendo um impulso que tem por objetivo restabelecer a percepção do objeto evocado, isto é, conseguir a identidade perceptual.

No caso da experiência de dor, quando quantidades excessivas de excitação chegam a Psi-Pallium através de Phi, serão deixados em Psi-Pallium os engramas do objeto hostil e dos reflexos de fuga, bem como dos laços associativos entre eles. Só que, na experiência da dor, Freud levantou a hipótese da existência de neurônios secretores ou neurônios-chaves, que, uma vez excitados liberariam desprazer, pois, a reativação do engrama do objeto hostil, por si só, não apresenta energia suficiente para levar à conduta de fuga.⁴⁰ Portanto, Psi-Pallium estabelece laços associativos entre o engrama do objeto hostil e os neurônios secretores, de modo que a ativação da imagem desse objeto, através da percepção ou por processo associativo, leva a excitação desses neurônios e a subsequente liberação de um afeto desagradável. Ocorre, então, uma repulsa em relação ao objeto hostil, isto é, uma tendência a apagar sua memória. Esta decatetização da imagem mnêmica do objeto hostil foi denominada represão ou defesa primária.

Psi-Pallium é regulado pelo "princípio das relações objetais"¹ e realiza o processo psíquico primário. Pode-se dizer que esse sistema corresponde ao Id da topografia do aparelho psíquico apresentado por Freud, e em 1923.^{1, 28}

d. Psi-Pallium-inibido-pelo-ego - esse sistema, embora não seja delimitado como um sistema à parte no "Projeto"¹ tem sentido ser introduzido, para dar conta do aparecimento do ego inibidor. Ele, mais o sistema Psi-Pallium e o sistema ω formam o aparelho psíquico freudiano.

O Psi-Pallium-inibido-pelo-ego é responsável pelas adaptações que o organismo deve efetuar, ou seja, tem por função inibir o processo psíquico primário, fornecendo as indicações da realidade. Fazem parte do sistema os elementos pertencentes a Psi-Pallium mais a estrutura ego, "conjunto de facilitações fixas entre um grupo de neurônios e a massa energética aí armazenada que serve como catexes laterais."² Como ao ego pertence uma massa constante de energia armazenada em forma de catexes laterais, é ele que regula as facilitações ao curso da catexização. Assim, o ego vai impedir a catetização da imagem mnêmica do objeto de satisfação, a partir da imagem tensional vinda de Psi-nuclear, porque tal catetização levaria a alucinação do objeto; vai impedir, ainda, que a energia se dirija aos neurônios secretores, no caso da imagem mnêmica do objeto hostil ser catetizada. Se em Psi-Pallium se instala um impulso de desejo no sentido de buscar a identidade perceptual, em Psi-Pallium-inibido-pelo-ego, trata-se de um impulso de desejo secundário, que busca a identidade perceptual real.

O ego controla a percepção e a motilidade, daí sua função de adaptação das necessidades as exigências da realidade. Esse sistema, de um lado, recebe estimulações exógenas a partir de Phi e informações de fontes en

dógenas através de Psi-nuclear e, de outro, volta-se para as vias motoras.

Psi-Pallium-Inibido-pelo-ego é, portanto, regulado pelo princípio da realidade e é nele que ocorre o processo psíquico secundário; é, portanto, responsável pela execução das ações específicas que levam a satisfação das necessidades.

e. Sistema Neurônico ω - os neurônios ω foram hipotetizados para dar conta das qualidades presentes nas percepções, ou seja, são neurônios que, uma vez excitados fariam surgir as diferentes qualidades que definem as sensações conscientes. Pois, se Phi e Psi atuam na percepção e memória, os processos que ocorrem nesses sistemas, são entretanto, desprovidos da percepção das qualidades.³⁸ Se Phi descarrega toda a energia que chega até ele, o sistema ω faz o mesmo, só que transformando a quantidade que chega até ele "através de Phi, em qualidade. Psi é capaz de acumular energia, descarregando-a quando ela atinge um certo nível, mas é incapaz de transmitir qualidade; ω , inserido em Phi e Psi, recebe quantidades de Phi por um lado, e excita Psi por outro, determinando os caminhos que devem ser seguidos pela energia psíquica.

Existem barreiras protetoras externas destinadas a permitir que somente frações das quantidades de excitação cheguem a Phi, a partir das fontes externas. Ou seja, no contato de Phi com o mundo exterior através dos órgãos sensoriais, as células terminais funcionam como verdadeiras "peneiras" que selecionam a quantidade de energia recebida por esse sistema. Como Phi tende a descarregar a energia que chega até ele, só quantidades médias de energia atingem o sistema Psi. Embora se pudessem supor que a sensação de consciência, isto é, o caráter qualitativo, ocorresse com a inexistência total da quantidade, não tem sentido deixar de lado o componente quantitativo nos neurônios ω ; estes são também catetiza-

dos, e tendem a descarregar a energia que chega até eles, embora essa quantidade seja bastante reduzida e muito inferior a que atinge Phi e mesmo Psi.

Portanto, se Phi é relativamente impermeável, desde que ocorre uma primeira seleção das estimulações que vão atingi-lo, Psi já apresenta um grau menor de permeabilidade e deveremos supor no sistema ω , onde chegam quantidades muito reduzidas, uma impermeabilidade ainda maior. Mas isso não estaria de acordo com os neurônios responsáveis pela consciência, desde que a consciência supõe uma variedade de "qualidades simultaneamente percebidas, uma mudança rápida e contínua de um conteúdo a outro",³⁶ o que levaria a supor não uma maior impermeabilidade mas, pelo contrário, uma total permeabilidade.

Essa contradição é resolvida por Freud, supondo a existência de barreiras de contato apenas para as quantidades, sendo que o período do movimento neuronal, isto é, sua propagação no tempo, ocorre sem nada que o detenha. Se em Psi ocorre um movimento monotônico, isto é, as frequências dos movimentos neuronais tende a ser uniforme e constante, qualquer desvio dessa frequência chega a ω e são esses desvios que definem as diferentes qualidades que chegam a consciência. É a frequência de uma excitação que determina pois, sua qualidade e é essa frequência que vai determinar se a excitação vai ou não ser captada pelos órgãos sensoriais e, mesmo, qual dos órgãos sensoriais vai ser afetado por ela. Uma vez sendo captada por Phi, a quantidade de energia chega ao sistema ω e é transformada em qualidade.³⁷

Enfim, o sistema ω é o sistema perceptual consciente (Pcpt.Cc.) dos trabalhos posteriores,^{28, 34} que dá conta das qualidades sensoriais, do prazer e do desprazer ou seja, são os verdadeiros neurônios da percepção.

Se ω percebe as oscilações do nível de catexa em Psi-nuclear e as correspondentes descargas somáticas, Psi-Pallium registra os objetos exteriores, os reflexos

de fuga e os reflexos adequados. Os engramas deixados em Psi-Pallium podem, como já dissemos, ser novamente cate_tizados; por exemplo, numa experiência de dor, quando ocorre a recatetização da imagem do objeto hostil, perceptual ou associativamente, já vimos que são ativados neurônios chaves. O afeto desagradável ocorre porque a energia liberada por esses neurônios atinge ω , que é o sistema capaz de efetuar a percepção do desprazer.

Como a ansiedade* é um caso particular de afeto, vejamos inicialmente, o que ocorre nos vários níveis neuronais, isto é, nos vários sistemas neurônicos, e que conexões são estabelecidas, desde que se instaure uma pulsão somática a partir de uma fonte endógena até chegar a uma experiência de satisfação.

Uma vez aparecendo uma tensão de necessidade, a percepção dessa tensão vai ser efetuada no sistema ω e seu registro vai ser deixado no sistema Psi-Pallium. Essa tensão de necessidade leva a um aumento da excitação em Psi-nuclear e o afastamento do nível constante da catexe presente nesse sistema, define a tensão nuclear: ocorre, então, uma descarga visceral (choro, por exemplo) que corresponde a expressão de uma emoção. Tanto a tensão em Psi-nuclear, como a descarga visceral específica são percebidas e deixam os engramas correspondentes em ω e Psi-Pallium, respectivamente.

Como já vimos, o sistema Psi-Pallium é capaz de memória, aprendizagem associativa, de impulso de desejo e repulsa; assim, desde que é percebida uma tensão nuclear

* Podemos usar como tradução de "ANGST" tanto o termo angústia como o termo ansiedade, pois esses dois termos tem sido usados indiferentemente pelos tradutores.⁴¹

proveniente do soma, é evocada a memória do objeto de satisfação, cujo engrama foi estabelecido por ocasião de uma primeira experiência de satisfação. Uma vez que tal objeto é evocado, ocorrerá uma nova tensão, desde que relembrá-lo não é a mesma coisa que percebê-lo. Vai emergir, então, um impulso orientado no sentido de restabelecer a percepção desse objeto, isto é, buscar a identidade perceptual, impulso esse que é o desejo. Mas, embora, Psi-Pallium guarde a memória de tal objeto, como é orientado pelo processo psíquico primário, poderá levar a uma percepção alucinatória de tal objeto.

É o sistema Psi-Pallium-inibido-pelo-ego, controlado pelo princípio da realidade e sede do processo psíquico secundário que permite a não alucinação do objeto de satisfação. Ou seja, se em Psi-Pallium aparece um impulso para buscar um objeto, em Psi-Pallium-inibido-pelo-ego ocorre a busca do objeto real e da identidade perceptual real. Esse impulso de desejo secundário corresponde a uma força que leva a redução da tensão instalada em Psi-Pallium; com o estabelecimento da identidade perceptual, desaparece essa tensão de desejo.

Como Psi-Pallium retém as imagens mnêmicas dos reflexos adequados, e há vias de facilitação entre esses engramas e aqueles da memória do objeto de satisfação, assim que a identidade perceptual é atingida e os reflexos adequados são emitidos, é abolida a tensão nuclear. A volta da catex nuclear ao nível constante é percebida (ω) e deixa um engrama, ocorrendo assim, a experiência de satisfação com seus correspondentes registros ao nível do aparelho psíquico.

No caso da experiência de dor, Psi-Pallium retém a imagem mnêmica do objeto hostil e os laços entre essa memória e os neurônios secretores, que passam a liberar desprazer sempre que a imagem do objeto hostil é recatetizada. Com a estimulação dos neurônios secretores ocorre uma tensão de repulsa em relação ao objeto hostil.

Através da repressão ou defesa primária, instalada por aprendizagem filogenética como meio de se chegar a situação que leve ao término da dor, é decaterizada a imagem mnêmica do objeto hostil.

Podemos notar nessa apresentação dos afetos quatro tensões: tensão somática, tensão nuclear, tensão de desejo e tensão de repulsa; e quatro correspondentes reduções de tensão: a primeira por satisfação de necessidade biológica, no segundo caso quando o nível de caxete volta ao valor constante, em Psi-Pallium quando é conseguida a identidade perceptual no caso da satisfação ou repressão no caso da experiência de dor. Cada um desses afetos tensionais e dis-tensionais são percebidos em ω como sentimento e deixam engramas em Psi-Pallium, como sinais de sua ocorrência.

No caso específico do afeto de ansiedade temos ou uma pulsão, isto é, uma tensão de necessidade proveniente de via endógena, que vai provocar um aumento de excitação em Psi-nuclear, ou uma subida do nível de caxete nuclear por via exógena; como esse aumento de excitação (de origem endógena ou exógena) não é descarregado por vias normais, ocorre o acúmulo de tal excitação de modo que, uma vez ultrapassando um valor limiar, vai aparecer uma descarga específica, através de vias facilitadas filogeneticamente, que é a descarga de ansiedade. Ou seja, a ansiedade é uma descarga emitida quando o nível de excitação em Psi-Nuclear é maior do que um valor definido como limiar.

Podemos estabelecer uma correlação entre a descarga visceral que acompanha uma tensão nuclear, onde a excitação não chega a atingir o limiar (como é o caso do choro) e a descarga somática de ansiedade; só que, no último caso, é uma descarga que tem como determinante a subida do nível de excitação acima do limiar.

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ essa descarga de ansiedade é definida como ansiedade automática

ou ansiedade econômica, que ocorre numa situação de desamparo do ego frente a um acúmulo de excitação, seja devido a fontes endógenas ou exógenas, que o ego não consegue controlar. Essa situação de desamparo é denominada situação traumática, sendo que o termo angústia econômica refere-se ao conjunto todo, da situação traumática a descarga específica que a acompanha.

Como toda tensão nuclear e sua descarga correspondente são percebidos no nível do aparelho psíquico pelo sistema neurônico ω , deixando os engramas de tais experiências em Psi-Pallium, a angústia econômica deixará também um sinal que registra sua ocorrência. Isso ocorre, como já vimos, com os afetos em geral, onde sempre há tanto a percepção como o engrama dos afetos tensionais, denominamos esse engrama de sinal de angústia. O sinal de angústia é, portanto, o engrama da angústia econômica.

Desse modo, a angústia econômica corresponde a primeira experiência de angústia vivenciada pelo sujeito e as subseqüentes descargas desse afeto vão ser devidas a reativação do engrama dessa experiência primitiva.

Notamos que Freud usa a expressão sinal de angústia, tanto para se referir a estrutura afetiva ansiosa, isto é, ao engrama da experiência, como a sua ativação, que leva ao surgimento do estado ansioso. O estado ansioso ou afeto penoso vai surgir sempre que é reativada a memória da situação de desamparo, originalmente vivida.

Conforme expõe em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ o sinal de angústia é mobilizado toda vez que ocorre uma ameaça de que tal situação traumática volte a ocorrer; essa situação na qual o ego se sente ameaçado, é definida como uma situação de perigo. Em tais ocasiões, é liberado um mínimo de ansiedade para evitar uma eclosão maior desse estado afetivo. Os determinantes de perigo, embora mudem conforme o ego se desenvolve, tem

uma característica comum, relativa a separação ou perda de objeto ou de seu amor, pois, tais separações levam ao aparecimento da situação na qual o ego se encontra desamparado, em face de um acúmulo exagerado de excitação. Essas propostas serão desenvolvidas mais detalhadamente no capítulo III desse trabalho.

Embora uma clara delimitação e discussão mais cuidadosa do sinal de angústia só apareça em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ devemos lembrar que a referência a uma liberação mínima de desprazer usado como sinal para evitar uma liberação mais intensa, já está presente em obras anteriores de Freud, como nota Strachey em sua Introdução a essa obra⁴². No "Projeto" (1895)³⁸, o autor fala de um meio através do qual o ego se defende de experiências dolorosas - "desse modo a liberação de desprazer é restrita em quantidade, seu início atua como um sinal para que o ego coloque em ação a defesa normal". Também na Interpretação dos sonhos¹⁰ é feita uma referência desse tipo; ainda na discussão metapsicológica apresentada no artigo "O Inconsciente"²⁴ sobre a histeria de angústia, vai dizer, ao se referir às idéias substitutas na fobia que "a excitação de qualquer ponto nessa estrutura exterior deve, inevitavelmente, por causa de sua conexão com a idéia substituta, levar ao aparecimento de um leve desenvolvimento de angústia; e isso é agora usado como um sinal para inibir o posterior progresso do desenvolvimento da angústia". No início de "Inibição, Sintoma e Angústia" não fala, ainda, de sinal de angústia mas de sinal de desprazer; acreditamos que a última expressão seria mais geral e poderia ser usada para se referir a ativação de uma estrutura afetiva qualquer, que correspondesse ao registro de uma tensão nuclear.

Da mesma forma, se a situação traumática só aparece definida na obra citada anteriormente, já tinha seus antecedentes em obras anteriores de Freud,^{5,7,36,37}

das quais nos ocuparemos no capítulo 3 desse trabalho. No "Projeto", Freud, referindo-se as necessidades básicas produtoras de tensões que devem ser descarregadas (fome, respiração, sexualidade), comenta que sua satisfação não pode ser conseguida pelo próprio sujeito, no início de sua vida; essa sua incapacidade de solucionar as próprias tensões, que leva a sua dependência dos outros, corresponde ao "desamparo original dos seres humanos"³⁸. A situação de perigo definida pela perda do objeto também está presente em obras anteriores^{11, 38}.

Pelo que expusemos, não achamos estar correta a expressão de Laplanche e Pontalis³⁹, em seu "Vocabulário de Psicanálise", para os quais a "angústia automática opõe-se para Freud ao sinal de angústia". Vimos que o sinal de alarme, representado pela ativação do sinal de angústia, emitido intencionalmente, só é possível pela ocorrência anterior de uma descarga de angústia econômica, cujo registro é condição para a mobilização de tal medida preventiva por parte do ego.

Queremos esclarecer, ainda, que existem tanto engramas de situações traumáticas experienciadas ontogeneticamente, isto é, a partir de vivências do indivíduo durante seu desenvolvimento, como engramas de situações traumáticas deixados como resíduos mnêmicos de acontecimentos primitivos, característicos do desenvolvimento da espécie, isto é, adquiridos filogeneticamente.

A REPRESSÃO

A primeira vez que apareceu o termo repressão (Verdrängung) na obra freudiana foi em 1893, na "Comunicação Preliminar",³ de Breuer e Freud; embora, como nota Strachey,⁴³ o termo possa ter chegado a Freud por intermédio de Meynert, Freud considera na "História do Movimento Psicanáutico"²¹ que a "teoria da repressão veio a mim independentemente de qualquer outra fonte". Nessa mesma obra, refere-se a repressão como a "pedra angular na qual se baseia toda a estrutura da Psicanálise, sendo a parte mais essencial dela".

Esta formulação teórica só foi possível com o início propriamente dito da Psicanálise, quando a técnica hipnótica foi abandonada no tratamento catártico de histeria²¹. Desde então o fenômeno clínico da resistência pode ser observado e foi a partir dele que surgiu o conceito de repressão. Freud escreve que "foi uma novidade, e nada como isso tinha sido reconhecido antes na vida mental"³². Sua importância é continuamente enfatizada no decorrer da obra freudiana, sendo que a teoria da repressão, juntamente com a teoria da resistência, o reconhecimento dos processos psíquicos inconscientes, a valorização da sexualidade e do complexo de Édipo são considerados, por Freud, como os verdadeiros fundamentos da Psicanálise³⁵.

Nesse capítulo pretendemos efetuar um estudo da repressão, tomando como base os artigos "A Repressão"²³ e "O Inconsciente",²⁴ nos quais, segundo Strachey,⁴³ podemos encontrar a formulação mais elaborada da teoria da Repressão. Faremos inicialmente, uma breve

apresentação da concepção freudiana de instinto. *

Os instintos caracterizam-se, principalmente, por se originarem de fontes endógenas de estimulação e por atuarem como uma força constante, o que faz com que reações de fuga contra eles sejam inadequadas. Uma outra maneira de se referir a eles é situa-los como "necessidades", que podem ser afastadas apenas quando sua "satisfação" é obtida. Freud considera que, uma vez adotando um ponto de vista biológico para abordar a vida mental, o instinto seria um conceito situado "na fronteira entre o somático e o mental, como o representante psíquico do estímulo que se origina no interior do organismo e chega até a mente, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua conexão com o somático" ²². Essa definição do instinto, que aparece também, em outras publicações, ^{11, 17}

supõe uma não distinção entre o instinto e seu representante psíquico. Tal distinção é efetuada claramente nos artigos "A Repressão" e "O inconsciente" ²⁴, como veremos posteriormente, onde Freud se refere ao representante psíquico do instinto como "uma idéia ou grupo de idéias que é catetizada com uma cota de energia psíquica (libido, interesse) proveniente de um instinto" ²³. No instinto estão presentes, portanto, dois componentes: a idéia e a energia instintiva ligada a ela.

Em relação ao conceito de instinto são aplicados os termos pressão, objetivo, objeto e fonte:

a pressão (Drang) de um instinto refere-se a quantidade de força ou magnitude da exigência de trabalho que ele representa, constituindo sua característica fundamental.

* Ao nos referirmos a "TRIEB", usaremos o termo "instinto", segundo a tradução inglesa, apesar de sua inadequação já ter sido indicada.¹

o objetivo | (Ziel) de um instinto é sempre a obtenção de satisfação, que pode ser conseguida apenas através da supressão da fonte interna de estimulação. Entretanto, um objetivo pode ser alcançado por meio de diferentes caminhos e o instinto, embora permaneça fiel ao seu fim inicial, pode dirigir-se a objetivos intermediários, mutáveis entre si. Podem ocorrer, ainda, processos orientados para a satisfação do instinto que, entretanto são inibidos ou desviados de seu objetivo. Nesse caso ocorre uma satisfação parcial do instinto.

o objeto | (Objekt) de um instinto é aquele por meio do qual ou em relação ao qual o instinto pode obter a satisfação. Esse objeto pode fazer ou não parte do próprio corpo do sujeito, e é possível ser substituído por outros objetos no decorrer da existência do instinto. Ocorre uma fixação quando um instinto se liga de uma maneira especial a um determinado objeto, verificando-se que isso se dá nas fases iniciais de seu desenvolvimento. Veremos, posteriormente, como a perda da mobilidade é fundamental na etiologia das neuroses.

a fonte | (Quelle) de um instinto refere-se ao processo somático presente num órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado na vida psíquica por um instinto.

Freud formula a hipótese da existência de dois grupos de instintos: os instintos sexuais e os instintos do ego ou instintos de auto-preservação. Essa formulação foi possível através da aplicação da Psicanálise às neuroses de transferência (neuroses obsessivas e histeria), onde a presença de um conflito entre as tendências sexuais e as tendências do ego, era sempre constatado.

No processo de desenvolvimento os instintos sexuais sofrem várias vicissitudes e a observação nos mostra que estas podem ser: transformação em seu oposto ,

voltar-se contra a própria pessoa, repressão, sublimação.

Passaremos a um estudo mais detalhado de um desses destinos possíveis - a repressão - de especial relevância para nosso trabalho.

A repressão ocorre quando o impulso instintivo encontra resistências que se opõem a seu objetivo de alcançar satisfação. Esse método de defesa é empregado desde que a fuga, nesse caso, é impossível por não se tratar de um estímulo externo. O primeiro problema que se coloca é o de que, para que um impulso instintivo se ja reprimido, deve-se supor que sua satisfação produza desprazer, ao invés do prazer esperado. Trata-se, portanto, da ocorrência de algum processo por meio do qual o prazer resultante, normalmente, da satisfação, se transforme em desprazer.

Na realidade, haveria prazer na satisfação do impulso reprimido, mas esse resultado não se conciliaria a outros objetivos e intenções. Portanto, a condição básica para a ocorrência da repressão é que a causa do desprazer seja mais forte do que o prazer alcançado pela satisfação.

Além disso, a repressão é um mecanismo de defesa dependente de uma clara separação das atividades mentais consciente e inconsciente. Antes que tal separação se efetue, a defesa contra os impulsos indesejáveis se faz por meio de outros caminhos: o impulso se transforma em seu contrário ou volta-se sobre o próprio sujeito. Assim, a característica fundamental do processo de repressão é afastar da consciência os representantes instintivos, mantendo-os a distância dela, no domínio do sistema Inconsciente^{2,3} (essa proposição será, entretanto, reformulada por Freud, como veremos posteriormente). O reprimido é, portanto, inconsciente, embora seja importante frisar que o conteúdo do sistema incons

ciente não se esgota nas representações reprimidas*.

Os processos inconscientes "neles mesmos são incognoscíveis e incapazes de existência",²⁴ desde que é ao sistema Prê-consciente que pertence a possibilidade de acesso a consciência e a motilidade; dessa forma, o inconsciente é conhecido quando se traduz ou se transforma em algo consciente. Portanto, o reprimido só pode ser percebido e estudado através dos efeitos que produz e que chegam até a consciência. No sonho e na neurose, os processos inconscientes se mostram por meio de suas ramificações, e nessas situações o que ocorre é uma regressão dos processos psíquicos pré-conscientes, superiores, a uma fase anterior, correspondente aos processos que se desenrolam no sistema inconsciente.

Sendo o reprimido inconsciente, apresenta as mesmas características e é sujeito as mesmas leis que regem os demais elementos pertencentes ao sistema Inconsciente, cujo núcleo é formado de "representações instintivas que procuram descarregar sua catexe, isto é, consiste de impulsos de desejos".²⁴ São características desse sistema:²⁴

a falta de contradição entre os impulsos que os constituem, de modo que eles coexistem sem se influenciarem ou se anularem mutuamente;

o processo psíquico primário, que supõe uma maior mobilidade de catexe, permitindo que se efetuem deslocamentos (transmissão da catexe de uma idéia a outra) e condensações (em uma idéia condensam-se as catexes de várias outras);

a independência do tempo, isto é, os processos inconscientes não se ordenam cronologicamente nem se alteram pela passagem do tempo;

* Usaremos Inc., Prec., e Cc., quando nos referirmos ao sistemas inconsciente, preconsciente e consciente, como propõe Freud.

a substituição da realidade externa pela psíquica, isto é, os processos inconscientes são regulados pelo princípio do prazer.

No sistema Pré-consciente por outro lado, os deslocamentos e condensações não ocorrem, ou se apresentam de modo muito restrito. Se no sistema Inc. as representações se caracterizam por uma tendência a descarga, no sistema Prec. ocorre uma inibição, havendo retenção de catexes quando um processo passa de uma idéia a outra, de tal forma que apenas uma pequena parte é deslocada. Reportando-se a Breuer, Freud denomina energia ligada e energia livre aos dois estados de energia catetizada presentes, respectivamente, no sistema Prec. e no sistema Inc.

Freud considera que um ato psíquico passa por uma fase ou estado inconsciente antes de tornar-se consciente; para atingir essa segunda fase, deve ser capaz de passar por uma censura, localizada entre os dois sistemas.

É justamente na fronteira entre os sistemas Inc. e Prec. (Cc.) que ocorre o processo de repressão: o reprimido é tanto o que é afastado do sistema Prec. (Cc.) como o que não chega a ter acesso a ele, por ser barrado pela censura existente entre esses sistemas.

Entretanto, passar por essa censura não significa uma relação automática com a consciência, mas ser capaz de consciência sob certas condições; é essa possibilidade de se fazer consciente que caracteriza os elementos pertencentes ao sistema Prec. No decorrer do mesmo artigo,²⁴ Freud é levado a assumir a existência de uma segunda censura, que define as condições para entrada no sistema Cc., levando a uma maior separação entre os sistemas Prec. e Cc. A censura ocorre portanto, sempre que se passa de um nível de organização psíquica a outro imediatamente superior.

Transferência de um ato psíquico de um sistema a outro - hipóteses iniciais

Freud denominou metapsicologia o estudo de um processo psíquico segundo suas dimensões topográficas, dinâmicas e econômicas. O ponto de vista topográfico leva em conta os elementos estruturais, isto é, dentro de que sistema ou entre que sistemas o ato psíquico se desenrola; o ponto de vista dinâmico estuda a natureza e as características das forças atuantes; o ponto de vista econômico se refere ao estudo dos fatores quantitativos. Dada a estreita relação existente entre a repressão e o inconsciente, o conhecimento da natureza desse processo defensivo depende da diferenciação entre o que é consciente e o que é inconsciente e ainda, de como um ato psíquico se transfere de um sistema a outro.

Em "O Inconsciente"^{2,4} elabora, inicialmente, duas hipóteses sobre a transposição de um ato psíquico de um sistema (Inc.) a outro (Cc. ou Prec.). Segundo a hipótese funcional, a passagem de idéia de um sistema a outro se daria na mesma localidade psíquica, por meio de uma mudança de estado, devida a um aumento ou diminuição de intensidade da catexe. A hipótese topográfica se refere a uma nova inscrição da idéia em outra localidade psíquica, de modo que ela passa a existir, simultaneamente, nos dois sistemas; nesse caso, teria livre acesso a qualquer um deles, desde que não fosse barrada pela censura, sem perda de seu registro inicial. Essa hipótese supõe uma clara separação topográfica dos sistemas Inc. e Prec. (Cc.). Um argumento aparentemente a seu favor seria dado pelo fato de que, mesmo ao se comunicar a um paciente uma idéia reprimida (inscrição no sistema Cc.) esse relato não é suficiente para levantar a repressão verificando-se que ela só deixa de existir com acesso ao sistema Cc. do próprio traço mnêmico inconsciente. Esse fato significaria que a inscrição inicial, no sis-

tema Inc., continuaria presente e atuante. Entretanto, esse argumento cai por terra ao se considerar que um conteúdo ouvido e um conteúdo vivido são experiências, do ponto de vista psicológico completamente diferentes.

O autor não opta por nenhuma dessas duas hipóteses de modo definitivo, rejeitando-as no final do mesmo artigo,²⁴ como veremos posteriormente.

Afinal, o que é reprimido? Freud considera que um instinto não é percebido senão enquanto ligado a uma idéia e a um afeto;* ao instinto não se aplica a antítese consciente - inconsciente, pois apenas a idéia que o representa é capaz de se fazer objeto da consciência. O conhecimento do instinto só é possível quando ele se liga a uma idéia ou se manifesta através de um estado afetivo. Portanto, para Freud, as expressões impulso instintivo inconsciente ou impulso instintivo reprimido são inadequadas, desde que é apenas seu representante ideacional que é passível de ser reprimido, (esclareceremos essa formulação na pág. 22). Da mesma forma, não se pode falar de um "afeto inconsciente" ou "emoções inconsciente"; "o uso desses termos se refere as vicissitudes sofridas, em consequência da repressão, pelo fator quantitativo do impulso instintivo". Quando o componente ideativo é reprimido, são três os caminhos possíveis para o afeto: ele permanece, total ou parcialmente, como ele é; transforma-se em outro afeto qualitativamente diferente, principalmente em angústia ou é suprimido, isto é, coartado em seu desenvolvimento. Entretanto, em "O Inconsciente", Freud parece reformular esse ponto de vista ao afirmar que "todos os afetos" 'reprimidos' se transformam em angústia. O verdadeiro objetivo da repressão é suprimir o desenvolvimento do afeto, e quando isso acontece, fica claro como o sistema Cc., controla tanto o acesso a motilidade como a afetividade; nesse caso, devemos reconhecer que o processo de repressão não se restringe em

* Devemos notar que a palavra afeto é usada na obra freudiana, com uma variedade de significados. Como não é nosso objetivo esclarecer os vários empregos desse termo, ele será apresentado seguindo o uso ambíguo que dele faz o próprio Freud.

afastar certos conteúdos da consciência mas, ainda consiste em impedir a manifestação afetiva do impulso, instintivo e a atividade muscular correspondente. Portanto, influi tanto numa alteração interna ao próprio corpo do indivíduo, (afetividade) como nas ações que tem por objetivo alterar o meio externo (motilidade). Entretanto o controle do sistema Cc. sobre a afetividade não é tão segura, como em relação a motilidade; a afetividade é um campo continuamente disputado entre o Inc. e o Prec.

Quando a repressão consegue inibir o desenvolvimento do afeto, falamos, inadequadamente de "afetos inconscientes". Freud estabelece, entretanto, uma diferença quanto a idéia inconsciente e o afeto "inconsciente"; com a repressão, a idéia reprimida fica representada no sistema Inc. por uma estrutura real enquanto com o afeto isso não acontece. Mas, de modo ambiguo, afirma, logo após que "pode muito bem haver no sistema Inc. estruturas afetivas que como outras, tornam-se conscientes".²⁴ O autor considera ainda que em termos descritivos, podemos dizer que na repressão ocorre uma separação entre o afeto e a idéia a qual ele está ligado, seguindo cada um deles um caminho diferente. Mas na realidade o afeto só poderá surgir quando se ligar a uma nova representação no sistema Prec.

Acreditamos que essa citação seja fundamental para o esclarecimento de alguns pontos obscuros relativos a representação do instinto através de seus componentes ideacional e afetivo.

Podemos supor que há no sistema Inc., representando o instinto, duas estruturas (engramas), uma ideacional outra afetiva, que denominamos respectivamente, memória e estrutura afetiva. Esses engramas, quando ativados, isto é, catetizados, correspondem a uma idéia e a um estado afetivo, que são os componentes do impulso instintivo. O processo de repressão consistiria na separação dessas estruturas de suas respectivas

catexes. A energia assim liberada se deslocaria para outras estruturas ideacionais e afetivas, estando nesse deslocamento a explicação da formação das idéias substitutivas nas neuroses e as vicissitudes possíveis para o componente afetivo do impulso. O termo reprimido aplica-se, portanto, tanto a estrutura ideativa como a estrutura afetiva que permanecem decatetizadas.

Fases da repressão²³

A repressão, no sentido lato, compreende três momentos, dos quais o segundo deles é o denominado repressão propriamente dita. A primeira fase, repressão primária, ocorre quando é negado ao representante ideacional do instinto o acesso a consciência, estabelecendo uma fixação do instinto ou parte dele num estágio libidinal infantil. A representação permanece imutável no inconsciente, com o instinto ligado a ela. Freud considera essa fixação como uma disposição a enfermidades posteriores.¹⁷

Os núcleos inconscientes formados através da repressão primária vão colaborar na repressão propriamente dita, pela atração que exercem sobre os conteúdos que a consciência pretende afastar. A repressão propriamente dita se efetua sobre as ramificações psíquicas do primariamente reprimido ou sobre as idéias que provenientes de outras fontes, associaram-se de alguma forma a ele. É importante enfatizar que ambas as forças - repulsa por parte do sistema Prec.(Cc.) e a atração exercida pelo primariamente reprimido - devem atuar conjuntamente para a ocorrência da repressão.

A terceira fase refere-se ao retorno do reprimido, e é, na verdade uma manifestação do fracasso de repressão. Isso se deve ao fato de que, no sistema Inc, o reprimido é ativo, organiza-se, cria ramificações e se desenvolve amplamente regido pelos princípios que nor

teiam este sistema. Suas ramificações podem se tornar conscientes, quando atingem deformação suficiente, distanciando-se das representações originais. Esse é o caso dos sintomas neuróticos, sonhos, atos falhos e associações livres. Outras ramificações do Inc., também altamente organizadas, a ponto de se poder dizer que pertencem qualitativamente ao Prec., mas realmente ao Inc., desde que permanecem reprimidas, são as fantasias; embora próximas ao Prec. (Cc.) são afastadas desde que ultrapassem certa quantidade de catexe. Muitas formações pre-conscientes, também não tem acesso ao sistema consciente, talvez devido a uma maior atração exercida pelo Inc. Isso significa a relatividade da característica "ser consciente" como critério de separação entre os sistemas.

Entretanto, nada se pode afirmar sobre o grau de deformação e distância que essas ramificações devem atingir para terem acesso ao sistema Cc. De acordo com a hipótese funcional, parece que se trata de "dizer 'alto' quando a catexe do inconsciente alcança uma certa intensidade, ultrapassada a qual o inconsciente chegaria a satisfação"²³. O fator quantitativo, nesse caso, é decisivo: surge o conflito quando a representação indesejável atinge um certo grau de força, ocorrendo, então a repressão. O distanciamento do inconsciente ou deformação opera no mesmo sentido da diminuição de catexe e a proximidade do Inc., opera no mesmo sentido de um aumento de catexe.

Deve-se ainda, acrescentar, que a repressão opera de forma bastante individual: os destinos de cada uma das ramificações do reprimido variam e um grau maior ou menor de deformação altera muito o resultado. Outra característica da repressão é ser um processo dinâmico, extremamente móvel, que supõe um contínuo gasto de energia para mantê-la pois o reprimido exerce uma pressão contínua sobre o sistema Prec. (Cc.).

Manutenção da Repressão - anticatexe

Já vimos que a repressão se efetua através da retirada de catexe da idéia e do afeto que representam o instinto. Entretanto, se o reprimido é ativo, ramifica-se organiza-se, isso supõe que alguma catexe deve ter sido retida.

Se a transição do sistema Inc. para o Prec. se faz por uma mudança de estado, ou seja, por alteração da catexe (hipótese funcional), podemos hipotetizar o que ocorre quando uma idéia Prec. ou Cc. sofre o processo repressivo secundário, de modo a reter alguma catexe que explicasse sua atividade. Haveria a retirada da catexe preconsciente, pertencente ao sistema Prec. e poderia ocorrer: ou uma de-catetização da idéia, ou ela receberia catexe do sistema Inc., ou ela reteria a catexe inconsciente que já possuía. Ou seja, ocorreria uma retirada de catexe preconsciente, a retenção de catexe inconsciente ou a substituição de catexe preconsciente por uma inconsciente.

Essa explicação não satisfaz sob dois pontos de vista: primeiro, porque haveria um trabalho constante de retirada de catexe, uma vez que, se a idéia continua catetizada, exercerá uma pressão contínua para entrar no sistema Prec.; não se observaria, nesse caso, o resultado que é realmente obtido através da repressão. E, segundo, porque a retirada de catexe preconsciente, não pode ocorrer na repressão primária, desde que se trata de uma idéia inconsciente, desprovida, portanto, de catexe preconsciente.

A explicação de como a repressão primária é constituída e mantida, e de como a repressão secundária é conservada estaria na existência de uma anticatexe proveniente do sistema Prec., por meio da qual este sistema responde a pressão exercida pelo sistema Inc. " A anticatexe é o único mecanismo da repressão primária, e é ele

que representa o permanente dispêndio de energia de uma repressão primária, garantindo sua permanência";²⁴ no caso de repressão secundária, ocorre, além da anticatexese, a retirada da catexese preconsciente.

Pode-se dizer que a força da repressão é medida pela quantidade de anticatexese empregada.²⁴ Freud acha possível que a própria catexese preconsciente retirada seja utilizada como anticatexese, mas não se refere à origem dessa anticatexese na repressão primária. Podemos notar, realmente, muito poucas referências a repressão primária nos textos nos quais estamos nos baseando.

Transposição inconsciente-consciente - uma nova hipótese²⁴

Através do estudo da "demência precoce" ou esquizofrenia, denominada por Freud de psicose narcísica, o autor chega a rejeição definitiva das hipóteses funcional e topográfica e a uma nova hipótese sobre a transposição das representações do sistema Inc. ao Sistema Cc.

Inicialmente, considera que a diferença entre neuroses de transferência e esquizofrenia estaria no que é feito da catexese retirada do objeto, no processo repressivo. Como a neurose surge numa situação de frustração, quando não é permitido o acesso ao objeto real que leva a satisfação, ocorre uma renúncia ao objeto real. Nas neuroses de transferência, a libido retirada do objeto real reverte-se num objeto fantasiado e, depois, a outro que tenha sido reprimido; no caso da esquizofrenia Freud supõe, de início, que a libido retirada do objeto real não procura um novo objeto, mas se retrai ao ego, levando ao restabelecimento de um primitivo narcisismo.

Entretanto, pela observação da linguagem peculiar do esquizofrênico, chegou a conclusão que, nela, as palavras são sujeitas ao processo psíquico primário, da

mesma forma que as formações substitutivas e sintomas das neuroses de transferência e os sonhos. Sofrem, portanto, condensações e deslocamentos, em virtude de uma maior mobilidade da catexe, que se transfere entre os conteúdos verbais.

A partir daí, passa a considerar que, nesse caso, o que é retirada é a catexe das representações verbais do objeto, e não as catexes do objeto. Isso leva a uma nova abordagem da representação consciente do objeto, que se decomporia em representação de palavra e representação da coisa.

A diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente não seria portanto, devida a inscrição do mesmo conteúdo em duas diferentes localidades psíquicas, nem a mudanças de estado da catexe. Uma representação consciente passa a significar a representação da coisa associada a sua representação verbal, enquanto a representação inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema Inc. contém as "catexes de coisa" dos objetos e o sistema Prec. existe por esta representação de coisa ser hipercatetizada por se associar às representações de palavra. "Essas hipercatexes, pode-se supor, causam uma organização psíquica superior e fazem possível ao processo primário ser sucedido pelo secundário que é dominante no Prec".²⁴

É importante, ainda, frisar que estar associado a representações verbais é "ser capaz de consciencia" (Prec.) mas não ainda "ser consciente". (Co.)

A repressão, segundo essa nova abordagem, significa "impedir à representação reprimida sua tradução em palavras". Isso quer dizer que um levantamento da repressão supõe uma hipercatetização do ato psíquico reprimido isto é, sua verbalização; caso contrário, continuará a permanecer no sistema Inc.

A ANGÚSTIA EM TRÊS MOMENTOS

Podemos retirar da obra freudiana três teorias sobre a angústia. Na primeira presente no início de seus trabalhos teóricos (1895), a angústia é concebida como uma descarga somática, efetuada sem a participação do psiquismo. A segunda, aparece em 1909, quando é, então, definida a histeria de angústia como um processo patológico independente; nela a angústia é considerada como resultado da repressão. A terceira, presente no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia", corresponde a uma reformulação da teoria anterior; a angústia passa a ser considerada não mais como um resultado da repressão, mas como a condição necessária para colocar o processo repressivo em andamento. Faremos, nesse capítulo uma apresentação de cada uma dessas formulações teóricas.

3.1. A Angústia na Neurose de Angústia

A fim de nos situarmos em relação à primeira teoria de Freud sobre a angústia, vamos examinar alguns de seus trabalhos iniciais como os dois artigos de 1895 sobre a neurose de angústia,^{5,7} "Obsessões e Fobias,"⁶ Manuscrito E,³⁶ o Manuscrito G,³⁷ estes últimos presumivelmente escritos na mesma época.

No estudo do mecanismo da neurose de angústia e na tentativa de propor uma formulação teórica sobre a sua etiopatogenia, Freud atribuirá um papel relevante ao que ele vai designar por "acúmulo de excitação". Entretanto, dada a incidência da neurose de angústia em pacientes que

praticavam o "coitus interruptus", o autor supôs, inicialmente, que a ansiedade da sintomatologia fosse uma continuação daquela sentida por ocasião do coito, relativa, ao medo da gravidez. Desse modo, levanta a hipótese de que a ansiedade que aparece nos sintomas clínicos estaria ligada a um medo ou a repetição dele. Entretanto, ao observar que o aparecimento da angústia não dependia desse medo de gravidez, mas se relacionava à obtenção, ou não, da satisfação através do ato sexual, Freud abandona a hipótese acima mencionada.

A relação da angústia com a sexualidade foi estabelecida claramente, desde esses primeiros trabalhos; a observação dos casos clínicos levava a concluir que o ponto comum entre eles era o acúmulo de excitação somática sexual. Tratava-se, sem dúvida, de um processo puramente físico, sem qualquer participação do psiquismo. O aparecimento da angústia só poderia ser explicado p o r uma transformação dessa excitação não descarregada adequadamente.

Dessa forma, Freud passou a considerar como uma característica fundamental da angústia produzida na neurose de angústia, seu desligamento de uma possível origem psíquica.

Vejamos o que é feito, normalmente, com o acúmulo de excitação que chega ao aparelho psíquico, para tentarmos entender como ocorre essa transformação, em angústia, da excitação acumulada. Sabemos que o aparelho psíquico recebe estimulações tanto do mundo exterior, como de fontes endógenas. No primeiro caso, o acréscimo de excitação, que leva ao aparecimento da tensão, é resolvido com qualquer reação que o diminua; no caso de fonte endógena (fome, sede, pulsão sexual), apenas as "ações específicas" são capazes de eliminar a tensão. Mas, mesmo que haja ²² uma produção contínua de excitação, como é o caso da fonte endógena, que opera como uma força constante, só ocorre uma percepção psíquica quando a tensão se-

xual atingir um certo nível (limiar). São então, energizados os "grupos de idéias sexuais", e a tensão libidinal ocasionará uma descarga sob a forma de ação específica.

Freud denomina de libido psíquica * ou afeto sexual⁵ a percepção psíquica da tensão física sexual. Essa percepção da tensão provoca tendência a eliminá-la; mas, no caso da neurose de angústia, não há formação do afeto sexual, por alguma insuficiência ao nível dos determinantes psíquicos. Daí, surge o acúmulo de excitação e sua transformação em angústia.

Por essa dificuldade na formação do afeto sexual, pode-se supor algum decréscimo da libido psíquica. Freud pode, realmente, observar, por relato dos próprios pacientes uma diminuição ou ausência de desejo psíquico; daí a surpresa desses pacientes ao lhes ser comunicado que seu problema era de origem sexual.

Todos os elementos apresentados anteriormente, (a presença de um acúmulo de excitação e a diminuição da libido sexual ou desejo psíquico, isto é, a diminuição da participação psíquica nos processos sexuais) levam Freud a supor que: "o mecanismo da neurose de angústia deve ser procurado num desvio da excitação sexual somática da esfera psíquica, e num conseqüente emprego anormal daquela excitação."⁵

Reportando-nos ao processo sexual no homem descrito pelo autor, no primeiro artigo sobre a neurose

* É a primeira vez que o termo libido aparece na obra freudiana.⁴⁵ Embora pareça ter apenas conotação psicológica, no resumo de Freud sobre esse artigo,⁵ esclarece-se que o termo se aplica também a uma libido somática. "LIBIDO" vai ser usado por Freud, a partir de então, significando ora pulsão libidinal (ao nível do soma), ora catexe libidinal (energia sexual acumulada no sistema Psi-nuclear), ora desejo libidinal (ao nível do sistema Psi-Pallium).

de angústia,⁵ e ao esquema da sexualidade, que aparece no manuscrito G,³⁷ podemos entender melhor a concepção freudiana sobre o mecanismo da neurose de angústia.

Uma excitação somática consegue vencer as resistências das vias que conduzem ao córtex, convertendo-se numa estimulação de ordem psíquica, desde que a excitação presente em Psi-nuclear ultrapasse um certo nível. Vai ocorrer, então, a energização do grupo de idéias sexuais, surgindo um estado psíquico de tensão libidinal. Haverá uma urgência para que essa tensão seja reduzida, sendo que a descarga só poderá ser efetuada, como já dissemos anteriormente, através de uma ação específica, adequada.^{36, 37}

O problema surge, e com ele a neurose de angústia, quando a excitação sexual somática é impedida de se converter em estimulação psíquica e, assim, encontrar as vias para efetuar a ação específica ou adequada. Vamos observar, então, a sintomatologia da neurose de angústia, que corresponde a uma descarga inadequada subcortical da excitação somática, que não percorreu o caminho normal para se converter em excitação psíquica.

Os sintomas vão aparecer na neurose de angústia, intimamente relacionados com a inexistência da ação específica, apresentando as características da ação omitida. Assim, pode-se observar que tanto nos ataques de angústia como na cópula normal, a excitação está ligada a alterações nos ritmos circulatório e respiratório, etc. Nos ataques de angústia, as palpitações, dispnéias, etc. ocorrem de forma isolada e exagerada. Ou seja, tratam-se de vias de inervação percorridas normalmente pela tensão psico-sexual; a diferença é que, normalmente, são vias subsidiárias de descarga e no caso da neurose de angústia, elas seriam as únicas saídas para a excitação³⁶

Resumindo, na etiologia da neurose de angústia, o fator etiológico corresponde a uma diminuição da participação psíquica nos processos sexuais, o que leva

a um acúmulo de excitação sexual que se descarrega, de forma inadequada, subcorticalmente.

Na "Resposta à Crítica de Neurose de Angústia"⁷, Freud formula o conceito de "equação etiológica", e para isso, define os seguintes termos:

a. Condições (H) - são os fatores indispensáveis para a produção da neurose mas insuficientes, por si sós, para provocá-la. No caso da neurose de angústia, trata-se do fator hereditário.

b. Causa específica (E) - vai sempre estar presente quando o efeito ocorre, e para isso, deve alcançar uma certa intensidade ou quantidade. Na neurose de angústia, essa causa específica é o desvio da excitação sexual somática de sua elaboração psíquica.

c. Causas auxiliares (A) (concorrentes e desencadeantes) - não são indispensáveis para a produção do efeito, qualquer que seja sua intensidade, mas se juntam às causas específicas e às condições, no cumprimento da equação etiológica. Na neurose de angústia, referem-se às influências patogênicas inespecíficas, tais como: emoção, sobressalto, traumas, exaustão.

De acordo com Freud, portanto, são as neuroses "sobredeterminadas", uma vez que, para a sua ocorrência, há a influência de várias causas. É o fator etiológico específico que determina a forma da neurose, mas esta vai ou não ocorrer, dependendo do "fator quantitativo" que corresponde à carga total que pesa sobre o sistema nervoso, em relação à sua capacidade para suportá-la.

Sendo: Q = carga total que pesa sobre o sistema nervoso e

C = capacidade do sistema nervoso, o fator quantitativo (FQ), será definido pela relação $\frac{Q}{C}$.

A partir daí, definimos a situação de saúde ou neurose, segundo a relação desse fator quantitativo com um valor limiar:

$$\begin{array}{l} \text{Se } \frac{Q}{C} \leq \text{limiar} \rightarrow \text{saúde} \\ \text{Se } \frac{Q}{C} > \text{limiar} \rightarrow \text{neurose} \end{array}$$

A neurose aparece, seja por um crescimento da quantidade de excitação (Q), seja por uma diminuição da capacidade (C) para suportá-la.

(Podemos identificar Q com libido e C com força do ego. Entendemos que a neurose vai ser sempre uma incapacidade de reagir de forma adequada aos acréscimos de excitação).

A equação etiológica é a seguinte:

$FQ = H + A + E$ → o fator quantitativo, que define a presença ou não da neurose, equivale a soma das causas sobredeterminantes. Assim, um fator específico para a neurose de angústia pode estar presente, mas a enfermidade só ocorrerá através de um acréscimo quantitativo proveniente de influências patógenas inespecíficas. Por exemplo, o aparecimento da neurose após um choque psíquico, onde aparentemente não estão presentes causas de ordem sexual, significa que o fator específico (E) estava presente mas a enfermidade só apareceu com a ajuda de uma causa auxiliar (A) que apenas a desencadeou. Essa é uma das respostas dadas por Freud à crítica de Loewenfeld, que defendia a independência do aparecimento da neurose de angústia em relação a determinantes sexuais.

Uma vez estabelecido que o fator etiológico da neurose de angústia é o desvio da excitação sexual somática do aparelho psíquico, podemos perguntar qual a razão dessa ausência de "ligação" psíquica. Freud levanta algumas hipóteses a esse respeito, que são as seguintes: desenvolvimento insuficiente da sexualidade psíquica; tentativa de supressão da sexualidade psíquica (defesa); declínio da sexualidade psíquica; alienação habitual entre sexualidade física e psíquica. Entretanto, essas

hipóteses são citadas mas não discutidas no decorrer des se trabalho.⁵

Mas porque ocorre angústia por transformação da tensão sexual física? O que dissemos anteriormente sobre a proximidade entre os sintomas do ataque de angústia e as alterações fisiológicas de um coito normal parece ser a resposta encontrada pelo autor no Manuscrito E.³⁶ Isso se refere a questão do que é que determina a forma de manifestação da angústia. Já vimos que os sintomas mais comuns, isto é, falta de ar e palpitações também ocorrem na cópula, mas na neurose, por falta de descarga adequada vão aparecer de forma isolada e exagerada.^{12, 36}

No final do artigo sobre a neurose de angústia,⁵ Freud vai tentar responder à questão de porque é o estado afetivo de angústia o que ocorre nessas ocasiões, reportando-se ao problema do perigo. Vai ocorrer o afeto de angústia quando o indivíduo não se sente capaz de responder apropriadamente a uma situação de perigo externa; em se tratando de um perigo interno, comporta-se como se projetasse para fora essa excitação endógena, respondendo a ela com angústia que, nesse caso, corresponde a angústia da neurose de angústia. A diferença entre uma situação e outra está em que o afeto de angústia produzido pela excitação externa não persiste no tempo, ao passo que, na neurose, há um estado crônico de angústia, desde que se trata de uma excitação endógena que, como já vimos, atua de modo contínuo.

Ou seja, "na neurose, o sistema nervoso está reagindo contra uma fonte de excitação interna, enquanto no afeto correspondente, está reagindo contra uma fonte de excitação que é externa."⁵

Nessa formulação do perigo interno e externo, podemos reconhecer os antecedentes da elaboração posterior do que Freud denominou de perigo real e perigo instintivo, os quais vai nomear claramente, na obra "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ que examinaremos em outra seção desse capítulo. Nesse artigo, Freud vai considerar

que o impulso instintivo, em si, não é perigoso mas sim, a consequência desse impulso, que leva a uma ameaça externa. O autor deixa de considerar que ocorre uma projeção de um perigo interno sobre o exterior, passando a supor que a ameaça é proveniente do próprio mundo exterior.

Passemos, agora, a uma análise mais cuidadosa das principais formulações apresentadas, anteriormente, sobre a neurose de angústia, o que vai-nos levar a um questionamento de alguns pontos fundamentais.

Podemos reconhecer na neurose de angústia a "angústia econômica ou automática" cuja definição só vai aparecer em "Inibição, Sintoma e Angústia".³³ Vamos considerá-la uma das três teorias sobre a angústia presentes na obra freudiana.

Veremos, posteriormente, que na neurose de angústia trata-se de uma angústia econômica ligada a um perigo instintivo e, na neurose traumática, de uma angústia econômica ligada a um perigo real. É nesse mesmo trabalho de 1926 que Freud vai definir "situação traumática" como o aumento de excitação acima do limiar. Se a fonte da excitação é exógena, temos uma situação traumática exógena, que leva a uma neurose traumática; se a fonte é endógena, temos a situação traumática endógena e a neurose de angústia. O perigo vai ser definido como a ameaça de aparecimento de uma situação traumática.

Sabemos que a produção de tensão ocorre com a elevação da excitação acima do valor constante, em Psi-nuclear, mas o aparecimento da angústia só se dá quando a excitação ultrapassa o valor limiar. Falamos de angústia instintiva quando se trata de um acúmulo de excitação proveniente de uma fonte endógena (situação traumática endógena) e falamos de angústia real, quando ocorre um aumento de excitação proveniente de uma fonte exógena.

A angústia econômica vai ser produzida como uma descarga somática, em função de um aumento de excitação,

(seja através de fonte endógena ou exógena) que, ultrapassando um valor limiar, coloca o indivíduo na situação que Freud denominou de desamparo (Hilflosigkeit).

Se a primeira experiência de angústia (na neurose de angústia) é uma descarga que é efetuada sem passagem pelo aparelho psíquico, essa descarga, embora, puramente somática, uma vez tendo ocorrido será percebida pelo psiquismo. Portanto, a angústia econômica (descarga somática correspondente a um acúmulo de excitação somática que ultrapassa um valor limiar, e produzida através de vias facilitadas filogeneticamente) é percebido em "ω" e deixa um engrama em "Psi-Pallium" (sinal de angústia), ou seja, mesmo não havendo a elaboração psíquica da excitação sexual (o que leva a um desvio da excitação somática) vai ocorrer a percepção da descarga de angústia.

Assim, tratando-se de uma angústia econômica, deixará um sinal, isto é, engrama da vivência de angústia que, quando ativado, vai levar a reprodução da situação ansiosa.

Esse sinal de angústia pode ser ativado e levar, ainda, à repressão e a outros tipos de neuroses, como nota o próprio Freud em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³: "uma psicose é especialmente sujeita a desenvolver-se com base numa neurose atual".

Na neurose de angústia há, portanto, uma descarga somática ao nível de Psi-nuclear, mas que vai deixar o registro de sua ocorrência ao nível de Psi-Pallium, repercutindo psicologicamente e deixando uma estrutura afetiva que pode ser ativada posteriormente (estado afetivo ansioso).

Observando-se os sintomas que fazem parte do quadro clínico da neurose de angústia, é surpreendente que Freud não aprecie, com clareza, a gênese das manifestações psíquicas, como a ansiedade crônica, o ataque de angústia, as fobias que correspondem, evidentemente, às manifestações psíquicas (percepção e memória) da angús -

tia somática ("atual").

O sintoma que mais favorece a crítica a concepção de uma descarga meramente somática é a "espectativa ansiosa", considerada por Freud o principal sintoma da neurose de angústia. Sobre ela, Freud levanta a hipótese de "um quantum de ansiedade em estado livremente flutuante que controla e escolhe as idéias e está sempre pronto a ligar-se a qualquer conteúdo ideacional disponível"⁵. Essa passagem talvez pudesse ser reformulada em outros termos, de acordo com o que já expusemos anteriormente, sobre a necessidade de se supor uma percepção e um registro da descarga de angústia, ou seja, de se supor sua repercussão psíquica. Pode-se supor que há um registro, ou melhor, um engrama (uma "estrutura afetiva" ansiosa) ativado (quantum de ansiedade flutuante) que se liga a uma memória qualquer, (conteúdo ideacional disponível).

Além da ansiedade crônica, correspondente à angústia flutuante da expectativa ansiosa, observam-se, ainda, no quadro clínico da neurose de angústia, os ataques de angústia. Esses ataques podem ser puros, quando aparece apenas o sentimento de angústia; ou associarem-se a distúrbios de uma ou mais funções viscerais (respiração, ritmo cardíaco, inervação vasomotora ou atividade glandular), ou associarem-se a idéias. Nessas circunstâncias, o sentimento de angústia é descrito como um estado de indisposição e desconforto e é frequentemente deixado de lado. Cada um desses sintomas pode, sozinho, constituir o ataque de ansiedade, ocorrendo então, ataques rudimentares de angústia ou equivalentes de ataques de angústia (assim, há distúrbios circulatórios, respiratórios de produção de suor, vertigem locomotora, diarreia, etc., que ocorrem desacompanhados de ansiedade).

Devemos nos referir, ainda, a dois tipos de fobias típicas que aparecem na neurose de angústia: uma relativa a perigos fisiológicos, outra relativa a locomoção. Essas fobias ocorrem a partir, respectivamente, da

ansiedade crônica e da tendência a ataques de angústias, acompanhados de vertigem. No primeiro caso, a angústia disponível é empregada para reforçar aversões que são instintivamente implantadas em todos (medo de cobra, de tempestade, escuro etc.). Mais uma vez se mostra a necessidade de se situar um registro ao nível psíquico (de Psi-Pallium) de uma estrutura afetiva ansiosa capaz de ser ativada e ligada a catetização de memórias diversas. Isso é reforçado se se considera que Freud acredita que o aparecimento de uma fobia desse tipo ocorre, em geral, quando já houve uma experiência de perigo acompanhada de angústia. Essas são as fobias típicas comuns.

Aparecem, ainda, as fobias típicas que podem ser denominadas contingentes, isto é, nas quais a ansiedade aparece por condicionamento: uma vez ocorrendo uma descarga de ansiedade em determinada situação, a presença em tal situação, numa ocasião posterior, leva ao aparecimento da ansiedade, por um processo associativo. Houve uma percepção e um registro (engrama) tanto da descarga como da situação na qual foi emitida sendo que a reativação do engrama desse último por contiguidade, conduz a reativação da estrutura afetiva ansiosa.

Resta-nos ocuparmos da comparação entre neurose de angústia e histeria. Em termos de sintomas, ocorre na neurose de angústia um tipo de conversão, como também na histeria; as paraestésias que podem acompanhar os ataques de vertigem ou ansiedade são semelhantes a aura histérica; os sintomas em ambas as neuroses podem aparecer como ataques ou de forma crônica, observam-se mudanças fisiológicas de ritmo cardíaco e respiratório, etc. Teoricamente, Freud considera que talvez seja o acúmulo de excitação a base comum que leva a semelhança dos sintomas; nos dois casos ocorre uma falta de elaboração psíquica da excitação, que é desviada para processos somáticos anormais. A diferença está em que, na histeria, tra-

ta-se de uma excitação psíquica, que se orienta de modo anormal exclusivamente para o campo somático; e, na neurose de angústia ocorre uma tensão física (excitação sexual somática) que não tendo acesso as vias que conduzem ao aparelho psíquico, é levada a uma descarga ao campo somático. "A neurose de angústia é a contrapartida somática da histeria".⁵

No nosso ponto de vista podemos considerar a histeria como uma manifestação psico-somática, iniciando se num conflito ao nível psíquico que se descarrega por vias anormais. A neurose de angústia seria uma manifestação somatopsíquica, onde ocorre um acúmulo de excitação somática, que leva a produção da angústia econômica, mas que não termina aí: há uma repercussão psíquica, desde que a descarga de angústia é percebida e registrada.

Tentemos situar as formulações freudianas sobre a ansiedade, considerando-se a teoria das emoções de James-Lange, segundo a qual a emoção expressa-se fisiologicamente, para depois, então, ser percebida psicologicamente - e a teoria de Darwin - sobre as "expressões das emoções". Inicialmente ao estudar a produção de angústia na neurose de angústia, Freud vai considerá-la simplesmente como uma descarga somática, sem qualquer conotação psíquica. Mas já mostramos que os ataques de angústia e ansiedade crônica são sintomas claramente psicológicos; assim (embora de modo não explícito) notamos que Freud, nesse caso, está adotando a concepção de James-Lange sobre as emoções. Na histeria de angústia, onde a expressão visceral da angústia aprece em consequência de uma situação de conflito, ao nível psíquico, a concepção darwiniana é que está presente. Entretanto, como já foi esclarecido no Capítulo I desse trabalho, a angústia econômica é condição para a existência de um sinal de angústia (engrama) que, uma vez ativado, leva ao surgimento do estado ansioso. Podemos dizer, então, que embora o ponto de vista darwiniano sobre a "expressão das emoções"

ções" pareça, em geral, influir sobre as idéias de Freud, (a expressão das emoções "consiste de ações que originalmente tiveram um significado e serviram um propósito")³ - também está presente a teoria de James-Lange, embora de modo não explícito na concepção do sinal de angústia.

3.2. A Angústia na Histeria de Angústia

Inicialmente, Freud considera os sintomas fóbicos como presentes em várias afecções neuróticas (neurose obsessiva, neurose de angústia),^{4, 4a} mas não acreditava que as fobias pudessem ocupar um lugar próprio no sistema classificatório das neuroses. Entretanto, através do estudo do "Caso de Hans",¹⁴ em 1909, no qual ficou acentuado o papel fundamental da fobia, que era o sintoma central, da doença, surgiu a necessidade de isolá-la como um processo patológico independente. Passou a designar as fobias desse tipo por "histeria de angústia", justificando essa denominação pela semelhança existente entre as estruturas psicológicas da histeria de conversão e as fobias.¹⁴ Em ambas, através da repressão, há a separação dos componentes ideacional e afetivo do impulso instintivo. Entretanto, na histeria de angústia "a libido que foi separada do material patogênico pela repressão não é convertida (isto é, desviada da esfera mental numa inervação somática), mas é liberada na forma de angústia".¹⁵

As histerias de angústia, as mais comuns das psiconeuroses, segundo Freud, caracterizaram-se por serem as neuroses da infância. Inicialmente, o autor considera seus conhecimentos insuficientes, sobre a etiologia dessas neuroses, não podendo afirmar se são determinadas apenas por fatores constitucionais, ou apenas por experiências acidentais ou ainda, por uma combinação desses dois fatores.¹⁴ Nessa época, tende a dar preponderância aos fatores acidentais. Posteriormente, (1923), acrescenta um rodapé da obra já citada, que na etiologia da

histeria de angústia, da mesma forma que nas demais psiconeuroses, existe necessariamente a participação de ambos os determinantes, constitucional e acidental. O ponto de vista de Rank sobre os efeitos do trauma do nascimento, que seria a experiência prototípica da angústia, é, a princípio aceito por Freud; ele poderia explicar a incidência da histeria de angústia na infância. Alguns anos mais tarde,³³ entretanto, vai criticá-lo, como veremos na terceira parte desse capítulo.

A característica fundamental da histeria de angústia é que ela se orienta, cada vez mais, no sentido de uma "fobia". O objetivo do paciente é inibir a liberação da angústia e pode, realmente, consegui-lo, mas somente a custa do sacrifício de sua liberdade, impondo-se precaução, inibição e proibição de toda espécie. Essas defesas que pretendem evitar as ocasiões que levem ao aparecimento da angústia, são as fobias, que se "constituem em a nossos olhos a essência da doença",¹⁴ Como salientam Laplanche e Pontalis,³⁹ a denominação "histeria de angústia" enfatiza o fato de que o que é fundamental nessa afecção é o aparecimento da angústia, surgindo o deslocamento sobre um objeto fóbico num segundo tempo, como um meio de defesa contra ela.

Passemos a uma descrição mais detalhada, metapsicológica do processo da repressão na histeria de angústia.^{23, 24}

Inicialmente, aparece a angústia, mas o sujeito não tem conhecimento do objeto que a produz. Nesse caso, estaria presente no sistema Inc. um impulso sexual, do qual foi retirada a catexe proveniente do sistema Prec. de modo que sua transposição a esse último sistema não pode ser efetuada. A catexe libidinal inconsciente da idéia reprimida é, então, descarregada como angústia.

Posteriormente, se esse processo se repete ins

tala-se uma nova fase caracterizada pelo objetivo de dominar o desenvolvimento da angústia. A catexe * preconsciente retirada do impulso instintivo desloca-se para uma idéia substitutiva que, embora associada a idéia reprimida, está suficientemente distanciada dela para não ser reprimida. A idéia substitutiva passa a funcionar como uma anticatexe proveniente do sistema Prec., de modo a não permitir que o impulso instintivo tenha acesso ao sistema Prec. (Cc.). Além disso, não é conseguida a inibição da liberação do afeto de angústia, que passa a ocorrer como se seu objeto fosse a própria formação substitutiva.

O aparecimento da angústia pode ser devido, então, seja por uma intensificação do impulso sexual reprimido, seja através da percepção do objeto sobre o qual ocorreu o deslocamento. Observa-se que a fonte geradora de angústia vai ser cada vez mais a própria formação substitutiva, e isso significa um aumento de controle por parte do sistema Cc. Entretanto, a influência de uma fonte instintiva inconsciente se faz notar, no caso das fobias animais, pela existência de um medo exagerado, que se mostra incontrolável pelo sistema Cc.

A fase seguinte caracteriza-se pelo objetivo de inibir o desenvolvimento da angústia a partir da formação substitutiva. Vai ocorrer, então, uma catetização dos elementos que rodeiam a formação substitutiva e se associam a ela de modo a haver uma leve liberação de angústia, quando qualquer um desses elementos é excitado. E "isso é agora usado como um sinal para inibir(...) o posterior progresso do desenvolvimento da angústia".²⁴ (A concep

* Como se trata da repressão de impulsos instintivos sexuais, podemos substituir o termo "catexé" pelo termo "libido".²⁴

ção de um sinal de angústia funcionando como um meio para evitar uma eclosão maior desse afeto, é desenvolvida extensamente por Freud num ensaio posterior,³³ como veremos na terceira parte desse capítulo).

Entretanto, essas precauções contra a excitação da formação substitutiva só funcionam contra estímulos externos, o mesmo não acontecendo em relação a estimulação instintiva, que chega até a formação substitutiva por meio da ligação que está mantendo com a idéia reprimida. Essa construção toda é denominada fobia; as proibições, precauções e inibições que lhes são características, são uma manifestação da fuga de uma catexe consciente da idéia substitutiva.

Portanto, na fobia, a formação de substitutivos continua; só que agora, os elementos que rodeiam a idéia substitutiva são o meio através do qual o ego se protege contra a ativação da idéia substitutiva, capaz de liberar angústia. Eles passam a funcionar como uma anticatexe. É importante notar que, inicialmente, o sistema Inc. invadia o sistema Cc. apenas através da idéia substitutiva, na fase seguinte, o sistema Inc. amplia sua área de influência para toda a estrutura fóbica.

Através desse processo, a liberação de ansiedade pode ser bloqueada, mas com sério comprometimento da liberdade pessoal. Entretanto, o autor conclui que "as tentativas de fuga de demandas do instinto são, em geral, inúteis e, apesar de tudo, o resultado da fuga fóbica permanece insatisfatório".²⁴

Em "O Inconsciente"²⁴ Freud considera que o ego se comporta, na fobia, como se o perigo do desenvolvimento da ansiedade fosse proveniente do mundo exterior, e não do impulso instintivo. A defesa se efetua, nesse caso, por meio de uma projeção do perigo instintivo sobre as percepções. Esse ponto de vista é reformulado em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ onde o autor considera que o impulso instintivo, em si, não é perigoso, mas sim a con

sequência a que levaria sua satisfação-a castração.

3.3. A Angústia em "Inibição, Sintoma e Angústia"

A preocupação de Freud pelo tópicó da angústia é uma constante em sua obra desde o início de suas investigações e jamais conseguiu deixá-la de lado no estudo da origem e desenvolvimento das neuroses. Nesse sentido, a obra "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ é particularmente importante, não só por permitir maior esclarecimento sobre o tema da angústia, principalmente, mas por tratar de um amplo campo de problemas igualmente fundamentais, como o da resistência, da distinção entre repressão e defesa e, particularmente, da relação entre repressão e angústia, de relevância especial para nosso trabalho.

Vamos tentar entender, inicialmente, o que é a angústia segundo a abordagem presente no ensaio que passaremos a analisar.

A angústia como estado afetivo de des-prazer ligado a atos de descarga.

Como a angústia é um caso particular de afeto, apresenta as mesmas características dos afetos em geral: inclui processo de descarga ou inervação motora, acompanhadas de sensação.²⁵ Essas últimas referem-se em primeiro lugar as percepções das descargas efetuadas e, em segundo, a sensações de prazer ou desprazer, que dão ao afeto sua conotação especial. A angústia, como um estado afetivo, apresenta um marcante caráter de desprazer caracterizando-se por sensações físicas específicas representadas, principalmente, por alterações no ritmo respiratório e cardíaco. A angústia é, pois, um estado especial de desprazer, acompanhado por atos de descarga através de vias específicas. Seu caráter desprazeroso seria

indicativo, da presença nesse estado afetivo, de um acúmulo de excitação.²⁷ Já vimos anteriormente que⁵ para a descarga de angústia ser efetuada esse acúmulo de excitação deve ultrapassar um valor limiar.

A Ansiedade como repetição de uma experiência já vivida.

Freud considera que, na explicação da angústia devemos nos reportar a um fato histórico: a ansiedade aparece quando uma experiência já vivida - onde estavam presentes as condições através das quais esse acúmulo de excitação, maior que o limiar, é produzido e descarregado por vias particulares, facilitadas filofeneticamente - é experienciada novamente. Isso leva a presença da sensação desprazerosa.

Assim, a ansiedade corresponde a um "estado afetivo de acordo com uma imagem mnêmica já existente",³⁵ que, como os estados afetivos em geral, acham-se presentes como resíduos de experiências traumáticas primitivas e são revividos quando experiências semelhantes a essas ocorrem posteriormente. Essa teoria dos afetos de Freud, segundo o qual esses seriam repetições de experiências primitivas, aparece em outras de suas obras e, embora não fique muito clara sua influência na concepção da angústia tal qual aparece na neurose de angústia, ela está, sem dúvida, expressa em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ em mais de uma ocasião.

O ato do nascimento como experiência prototípica

O ato do nascimento constituiria a primeira experiência de angústia vivenciada pelo homem e a ele se devem as formas características através das quais esse afeto se expressa. Os estados de angústia são, portanto, inicialmente, considerados como reprodução do trauma do nascimento, a experiência prototípica na qual o acúmulo de excitação e a correspondente sensação desprazerosa o-

correu.

A referência a ansiedade do ato do nascimento como o protótipo dos estados ansiosos posteriores, já aparece em trabalhos anteriores: na segunda edição da "Interpretação dos Sonhos"¹⁰ (1900), onde se lê: "o ato do nascimento é a primeira experiência de ansiedade e por tanto a fonte e protótipo do afeto de ansiedade", e posteriormente, no "Ego e o Id"²⁸, refere-se ao nascimento como o "primeiro grande estado da angústia".

Foi por essa época que foi editada a obra "Trauma do Nascimento" de Rank, não ficando claro se a ênfase ao ato do nascimento foi ou não devida a influência dessa última publicação; de qualquer forma, Freud reconhece que a proposta de Rank levou-o, novamente, a se ocupar com o tema da angústia. Só que, considerar o nascimento como um trauma, os estados de angústia como reação de descarga à ele e os afetos posteriores de ansiedade como "abreações", não era suficiente, para seu conhecimento, como diz na adenda a obra que ora analisamos.³³

A Ansiedade como reação ao perigo - aspecto biológico da ansiedade.

Uma vez supondo o estado de ansiedade como reprodução do trauma do nascimento, Freud vai tentar ir além da reação da ansiedade, perguntando-se sobre sua função e sobre as ocasiões nas quais é reproduzida. Passa a considerar a ansiedade como a reação a uma situação de perigo, aparecendo sempre que tal situação ocorre novamente.

O nascimento é, então, o protótipo de todas as situações de perigo com as quais o indivíduo vai-se defrontar no decorrer de sua vida. Entretanto, deve-se supor que o estado ansioso vivenciado por ocasião do nascimento, e as mudanças fisiológicas nele contidas (aceleração cardíaca, inervação das vias respiratórias) tiveram "um

significado e um propósito"³³ para o organismo. Desse modo, a reprodução de tal estado, posteriormente, perante outras situações de perigo, pode ser inadequada desde que as condições da situação serão diferentes. A reação adequada será efetuada quando, com o reconhecimento de que tal situação está em vias de acontecer, essa ameaça é as sinalada através da liberação de ansiedade, impedindo, as assim sua ocorrência.

Angústia Econômica e Sinal de Angústia

A angústia econômica é definida pela reprodução da descarga quando se repetem situações análogas a do nascimento; se ela foi adequada por ocasião dessa primeira experiência, deixou de sê-lo agora; no sinal de angústia, a ansiedade é reproduzida intencionalmente, sob controle do ego, que coloca em ação a agência prazer-desprazer e, como sede da angústia, vai produzi-la de acordo com suas necessidades. Nessa situação, o ego se submete ao estado de angústia como uma espécie de "vacina", para evitar que ocorra uma eclosão desse estado de forma mais intensa. Isso quer dizer que o ego revive, de uma maneira mitigada, a situação perigosa, reduzindo-a a uma indicação ou sinal.

Há, portanto, duas maneiras da angústia ser produzida: de forma inadequada, quando ocorre uma situação semelhante a do nascimento e nesse caso, sua produção se deve a fatores econômicos, isso é, há acúmulo de excitação acima de um certo nível limiar; pode, ainda ser produzida como um meio do ego se proteger contra o aparecimento de tal situação, não passando de um sinal que impede que ela se efetue. As definições de Angústia Econômica e Sinal de Angústia, são aparecem claramente em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ mas seus antecedentes já podem ser encontrados em outras obras freudianas, já citadas no início desse trabalho.

Delimitação da situação de perigo - definição da situação traumática.

Desde que a ansiedade é definida como uma reação a uma situação de perigo, vamos esclarecer do que consta uma situação desse tipo, isto é, qual é seu significado.

Através de suas próprias vivências, o sujeito é capaz de efetuar uma estimativa de sua capacidade de reagir e dominar as várias situações com que se depara. Uma situação é perigosa quando comparando sua força com a magnitude do perigo, o sujeito admite seu desamparo (Hilflosigkeit) frente a ele, ou seja, sua incapacidade de dominá-lo.

Essa situação de desamparo vivenciada é denominada por Freud, situação traumática e corresponde a um distúrbio econômico causado por um acúmulo de excitação (no sistema Psi nuclear) que é, então, descarregado sob forma de angústia. Essa é a angústia econômica a qual já nos referimos. A situação de perigo constitui uma ameaça de tal situação traumática, isto é, é uma expectativa e lembrança de uma situação de desamparo. É nessa ocasião que o ego sinaliza a aproximação da situação traumática, através do sinal de angústia, que atua como um meio de evitá-la. É da maior importância do ponto de vista da auto-conservação essa capacidade de esperar e evitar o desamparo e significa uma atitude ativa, por parte do ego, que pode, através do sinal de angústia, dirigir o curso dos acontecimentos. Dessa forma, a ansiedade produzida pelo ego significa "de um lado, uma expectativa de um trauma e, de outro, sua repetição de forma mitigada".³³

Assim, notamos duas características do afeto de ansiedade: seu caráter de expectativa, originado na situação de perigo e a existência de indefinição e falta de objeto ligada a situação traumática.

O problema que se coloca é tentar entender o que há de comum entre a situação de perigo representada pelo nascimento e as posteriores a ela, ou melhor, como a ansiedade, presente no nascimento, quando não se pode falar de uma elaboração psicológica, é reproduzida em situações diferentes. As suposições de Rank, efetuadas a partir das fobias infantis, segundo as quais a angústia é nelas evocada seja por reativação de impressões sensoriais deixadas por ocasião do nascimento, seja pela lembrança da boa existência intra-uterina ou ainda, pela lembrança do trauma da interrupção dessa existência, são abandonadas e criticadas por Freud.

A partir da manifestação de angústia em crianças, em situações nas quais estão sozinhas, ou no escuro, ou em presença de pessoas desconhecidas, ao invés de alguém conhecido, como a mãe, Freud pode chegar a uma melhor compreensão desse estado afetivo, através do reconhecimento do que há de comum em tais situações: a perda de alguém que é amado e desejado. Ou seja, a angústia seria, então, uma reação a uma perda ou separação de objeto; dessa forma, também poderia ser interpretada a angústia da castração, onde há perda de algo valorizado e a do nascimento, o qual significa uma separação da mãe.

Entretanto, podemos entender que a ansiedade de vida a perda do objeto é apenas um deslocamento da ansiedade originada economicamente. A situação realmente perigosa é aquela na qual há um crescimento de uma tensão de necessidade, que a criança não tem condições de solucionar por si mesma. Ou seja, a presença da mãe é importante para um bebê, porque ele aprendeu que é através dela que suas necessidades são satisfeitas. A semelhança com o nascimento está, então, que se trata de um acúmulo de excitação, que ultrapassa um valor limiar, o qual não é capaz nem de descarregar, nem de dominar psicologicamente, o que leva a uma sensação de desprazer. Por

tanto, é esse acúmulo de excitação o ponto comum entre experiências e a do nascimento, sendo ele " real essência do perigo".³³

Então, por aprendizagem, a criança relaciona a presença do objeto (mãe) à satisfação de suas necessidades e a situação de perigo é deslocada da situação econômica para a condição que a faz acontecer (perda do objeto-mãe). Esse é o primeiro deslocamento da angústia, de sua origem em determinada situação, para a expectativa de que ela aconteça, O sinal de angústia passa a ser dado pelo ego, intencionalmente com a mera ausência da mãe, mesmo que a situação econômica não esteja presente.

Angústia Real e Angústia Neurótica.

No estudo do problema de angústia aparece, necessariamente, a distinção entre uma ansiedade que pode ser considerada normal e aquela presente numa neurose. Trata-se, no primeiro caso, de uma situação de perigo real, que é um perigo conhecido procedente de um objeto exterior; a ansiedade neurótica se deve a presença de um perigo desconhecido, que constitui uma ameaça para o indivíduo procedente de fontes endógenas, portanto, relacionada a um perigo instintivo. É através do processo terapêutico que essa demanda instintiva se faz conhecida, podendo ser enfrentada de modo adequado.

Em se tratando de uma ameaça externa, a emissão da angústia pelo ego pode ser um meio de defesa contra ela, desde que ela sinaliza a necessidade de execução dos movimentos musculares e das ações protetoras; entretanto não podemos deixar de lado as situações de perigo real, onde a ansiedade pode levar a uma paralisia motora, de forma a correr uma reação inadequada. A relação entre angústia e neurose é devida ao ego aplicar esse mesmo procedimento defensivo contra os perigos instintivos, só que, nesse caso, sua ação não é bem suce-

dida. Freud explica esse insucesso, ou seja, o aparecimento da neurose como sendo "devido a uma imperfeição do aparelho psíquico".³³ Assim como há duas reações ao perigo real, ou seja, uma afetiva e outra protetora, no caso dos perigos instintivos, isso também deve ocorrer; sendo que, contra esses últimos, a proteção é feita por meio da defesa (repressão), posta em ação assim que o perigo é constatado, através da emissão do sinal de angústia.

Devemos lembrar que é, ainda, em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ que Freud vai reformular seu ponto de vista segundo o qual, numa histeria de angústia, a fobia constitui uma projeção de um perigo instintivo, interior sobre um real exterior. Não é a demanda instintiva, em si, que é perigosa mas o que vai ocorrer como consequência da sua existência. Portanto, trata-se da substituição de um perigo real (ser castrado pelo pai) por outro exterior (perigo substitutivo - medo aos cavalos, no caso de Hans).¹⁴ Em alguns casos, portanto, um impulso instintivo pode-se tornar um perigo interno porque sua satisfação levaria a ocorrência de um perigo externo. Também um perigo externo, quando relacionado a uma situação de desamparo, pode ser internalizado.

Entretanto, apesar de todo esse cuidado em diferenciar perigos internos de externos, angústia neurótica de angústia real, com a clara definição de angústia econômica, a ênfase nessa diferença deixa de ser tão importante pois, segundo as próprias palavras de Freud: "se o ego está sofrendo de uma dor que não para ou vencendo um acúmulo de necessidades instintivas que não podem obter satisfação, a situação econômica é a mesma e o desamparo motor do ego encontra expressão em desamparo psíquico".³³

Determinantes de perigo nas várias fases

Vamos nos reportar agora, aos determinantes

das situações de perigo nas várias fases de desenvolvimento do indivíduo. Já vimos que há um primeiro deslocamento da angústia, que ocorre inicialmente frente a uma situação de desamparo (traumática) para uma situação de perigo, isto é, para uma situação que representa uma ameaça de que tal situação de desamparo ocorra novamente. Daí a angústia vai-se deslocar aos vários determinantes do perigo, relativos sempre a uma perda ou separação de objeto, que vai estar sempre presente, embora de forma específica e modificada para cada fase, pois as situações de perigo mudam em função do nível de desenvolvimento do aparelho psíquico. Inicialmente, com o nascimento, o perigo é o desamparo psíquico, desde que o ego é imaturo e incapaz de dominar psiquicamente os acúmulos de excitação provenientes de fontes endógenas e exógenas. Em seguida, como dependente das outras pessoas para a satisfação de suas necessidades, o perigo é a perda do objeto, (mãe), ou seja, de quem o protege e ama. Na fase fálica, onde o sujeito vivencia o conflito das tendências eróticas em relação à mãe e das tendências agressivas em relação ao pai, que passa a ser temido, o perigo de castração está presente, filogeneticamente; no caso das mulheres, onde é óbvio que essa ansiedade de castração não pode ocorrer, trata-se, não da perda do objeto, mas da perda do amor do objeto.* Em seguida, a angústia da castração, com o aparecimento propriamente dito das relações sociais e a despersonalização das exigências parentais que passam a ser menos de-

* Essa afirmação não é, entretanto, suficientemente elaborada. É de se notar que as formulações de Freud, no decorrer de sua obra, na maior parte das vezes, tomam como base o sexo masculino.

finidas - passa a ser uma angústia social ou moral, ou seja, a angústia é relativa ao super-ego. Freud considera o medo da morte a transformação final do medo ao super-ego, isto é, "um medo do super-ego projetado nos poderes do destino!"³³

Persistência das situações de perigo e neurose

Pode ocorrer de uma situação de perigo relativa a uma certa fase, persistir em outra fase, reagindo o ego com angústia de forma inadequada, podendo existir uma relação entre a forma da neurose e a situação de perigo a qual o sujeito está reagindo. As pessoas consideradas neuróticas são aquelas que continuam a se comportar de maneira infantil em relação ao perigo, isto é, não acompanham a substituição dos determinantes de perigo que mudam no decorrer do seu desenvolvimento.

A questão que se coloca sobre a neurose é des-
cobrir qual o fator que determina se uma pessoa vai ser capaz ou não de elaborar psíquicamente o afeto da angústia, tornando-se ou não um neurótico. A explicação de Adler de que tal incapacidade se deveria a alguma inferioridade orgânica é abandonada, por não ser confirmada pelas descobertas psicanalíticas. Rank vai tentar responder a questão por meio do trauma do nascimento: a intensidade da reação de angústia é proporcional a força do trauma, e a possibilidade do indivíduo aprender a controlá-lo, isto é, tornar-se ou não neurótico, depende da quantidade de angústia emitida nessa ocasião. Ou seja, nos neuróticos, o trauma foi mais intenso do que a capacidade do indivíduo para suportá-lo, de modo que nunca eles conseguiram "liberá-lo"; as reações de angústia posteriores seriam tentativas de abreações a tal trauma e a repetição desses estados afetivos seriam o meio do neurótico tornar-se normal. Uma das principais críticas feitas por Freud à suposição de Rank, é

que nela os fatores constitucionais e filogenéticos são deixados de lado na etiologia das neuroses, sendo enfatizados apenas os fatores acidentais. A teoria de Rank não foi capaz, portanto, de resolver o problema da causação da neurose.

A Angústia da Castração

A proposição fundamental de Freud é que é a "angústia da castração a única causa dos processos defensivos que levam a neurose".³³ Isso se aplica as mulheres da mesma forma, só que, ao invés de uma angústia causada pelo perigo da perda do objeto, trata-se de uma angústia devida a perda do amor do objeto, como já dissemos anteriormente.

Convém deixar claro que, se o ato do nascimento, como experiência ontogenética, era considerado, inicialmente por Freud, como o protótipo das reações de angústia, podemos notar que essa suposição não se manteve. É a angústia da castração, registrada filogeneticamente como resíduo de experiências traumáticas anteriores, que passa a ser, posteriormente, considerada pelo autor como o protótipo das expressões de angústia.

A Repressão

Uma vez tratado o tema da angústia de forma de talhada, vamos-nos ocupar, agora, com a repressão.

Repressão como um tipo de defesa.

Uma das contribuições teóricas mais importantes de "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ é a distinção explícita entre os termos repressão e defesa. Como bem observa Strachey⁴² no Apêndice A, dessa obra, os dois termos foram usados de maneira confusa no decorrer da obra freudiana, desde a primeira vez que apareceu o termo re

repressão na "Comunicação Preliminar"³ e o termo defesa, nas "Neuropsicoses de Defesa".⁴ A partir de então, o termo repressão passa a ser encontrado com maior frequência, sendo que, na "História do Movimento Psicanalítico"²¹, Freud afirma que passou a usá-lo em substituição ao termo defesa.

A necessidade de deixar de considerá-los sinônimos, ou melhor, de reintroduzir o termo processo defensivo que havia sido deixado de lado, surgiu com a constatação de que a repressão, tal qual era definida, não abarcava todos os processos através dos quais os impulsos indesejáveis eram afastados. Embora não separando claramente a repressão de outros possíveis mecanismos de defesa, já há antecedentes dessa delimitação explícita entre esses dois conceitos, no caso do "Homem dos Ratos" (1909)¹⁵, onde Freud se referiu a dois tipos de repressão, presentes na histeria e neurose obsessiva; ainda, no artigo "A Repressão"²³ (1915), como já vimos anteriormente, ao discutir as vicissitudes dos instintos, considera a repressão apenas como uma das maneiras de defender-se contra eles; da mesma forma refere-se, no mesmo artigo, a projeção como um meio ou mecanismo de defesa. Mas a relação entre os termos nunca se esclareceu de fato, até a obra que agora analisamos, onde o conceito de defesa é usado como "designação geral para todas as técnicas que o ego utiliza nos conflitos que podem levar a neurose",³³ correspondendo a repressão a um dos mecanismos possíveis de serem utilizados pela defesa.

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ passa a falar, não mais de dois tipos de repressão, referentes a histeria e neurose obsessiva, mas de dois tipos de defesa. A diferença entre a histeria, primeira afecção na qual Freud estudou a repressão e a formação de sintomas, e a neurose obsessiva, é que na primeira ocorre um afastamento da consciência das experiências patogênicas, o mesmo não acontecendo na neurose obsessiva, onde elas

permanecem conscientes. Se aparece em ambas, o mesmo e feito, isto é, a amnésia, no caso da neurose obsessiva ele seria devido a um outro processo, denominado isolamento. A partir dos conceitos que foram introduzidos no capítulo 2 desse trabalho, vamos tentar entender a diferença entre esses dois mecanismos de defesa. Já vimos que o instinto apresenta dois componentes, um representante ideativo e um afetivo; entretanto, Freud nunca chegou a trabalhar claramente com dois engramas, um relativo ao componente ideacional, que chamamos memória e outro relativo ao componente afetivo, que seria a estrutura afetiva, mas, sempre parece falar do afeto como a catexe da idéia. É pela ativação (catetização) desses engramas que aparece a idéia e o afeto, e assim, o impulso instintivo. O entendimento do processo de repressão e do isolamento fica mais fácil se supusermos que, na repressão, ocorre uma decatetização da idéia e do afeto, ficando reprimidas a memória e a estrutura afetiva; nesse caso, é a forma pela qual a catexe retirada é aproveitada que define qual o tipo de neurose que vai ocorrer. No isolamento, continuam presentes tanto a idéia quanto o afeto ligados ao impulso instintivo, sõ que ocorre uma ruptura entre ambos de modo que, mesmo catetizados, mantêm-se isolados entre si; o estado afetivo e a idéia, embora presentes, nada tem a ver um com o outro.

Além do isolamento, Freud vai-se referir ainda em "Inibição, Sintoma e Angústia", a outro mecanismo típico da neurose obsessiva, que é o da "anulação retroativa", correspondente a um procedimento mágico de "desfazer o que foi feito". Tais mecanismos não podem ser redutíveis a repressão, mas devem ser considerados como meios auxiliares dela; isso significa que a repressão propriamente dita, na neurose obsessiva, "encontra dificuldades em seu funcionamento".³³

A partir dessas evidências, fica clara a necessidade de se situar a repressão apenas como um dentre os meios de defesa utilizados pelo ego contra as e xigências instintivas. Além disso, Freud vê essa delimitação dos conceitos como uma abertura para se efetuam correlações entre tipos de defesa e tipos de neurose e, ainda, para se pesquisar a possível existência de outros mecanismos de defesa anteriores a diferenciação entre ego, id e super-ego.

A Repressão - expressão de força e debilidade do ego.

A repressão ocorre, portanto, no ego que regulado pelo princípio do prazer - "instância quase onipotente"³³ - não permite que um impulso instintivo originado no id se encaminhe normalmente, pois sua realização levaria ao desprazer. Isso pode-se dar por imposição das exigências do super-ego.

Quanto a divisão das instâncias ego, id e super-ego, algumas considerações se fazem necessárias para melhor situar o processo de repressão. Embora a diferenciação do ego e id seja justificada e necessária do ponto de vista teórico, esta separação não deve ser tomada rigidamente.³⁵ " ego é idêntico ao id, e é meramente uma parte especialmente diferenciada dele".³³ A debilidade do ego se evidencia quando o confrontamos com a totalidade ou conflito; por outro lado, mostra sua força quando está tão associado ao id que não são distinguíveis um do outro. O mesmo vale para as relações entre o ego e o super-ego. Em geral, a distinção entre uma instância e outra só é possível quando há tensões ou conflito entre elas, como quando ocorre a repressão. O fato do ego ser a parte organizada do id ou seja, ele é organizado, mas o id não, " é decisivo para a repressão".³³ Conseguir reprimir um impulso originado no id seria sinal de força do ego; entretanto, ao atentarmos para as ramificações des

te reprimido, que ocorrem independentemente de sua organização (sintomas), vemos que tal poder é apenas aparente. Com sua tendência a síntese, o ego tentará incorporar o sintoma a sua organização, continuando a existir conflito desde que o objetivo desse substituto ainda é encontrar a satisfação. Além disso, pode-se supor que esse reprimido exerça atração sobre partes do ego através de laços associativos. Portanto, a repressão, enquanto processo pertencente ao ego, mostra ao mesmo tempo seu poder e os limites desse poder, e fracassa desde que o ego se enfraquece ao se separar do id.

Defesa e Fuga

Essa separação entre o ego e id, que ocorrerá entre ambos por ocasião de um conflito, talvez seja uma expressão um tanto forçada, desde que ambos são partes da mesma organização. Isso nos leva ao problema da ambigüidade de se considerar o processo defensivo como uma tentativa de fuga, por parte do ego, de um impulso instintivo originado no id.

Vimos que o ego, quando reconhece que uma situação perigosa pode ocorrer a partir de processos que estão sendo ativados no id, sinaliza essa ameaça com a produção de angústia. É uma forma de vivenciar um mínimo de ansiedade para evitar uma eclosão maior que não estaria de acordo com o princípio do prazer. Com essa sinalização, o processo defensivo é colocado em ação, levando não só a ocorrência de uma alteração no id, que supõe o afastamento do perigo sentido pelo ego, como também ao aparecimento de substitutos desses processos que foram alterados (sintomas ou formações substitutas). Ao considerar tal processo defensivo como uma "tentativa de fuga de um perigo instintivo", devemos lembrar que um impulso torna-se perigoso por ser determi-

nante de um perigo externo e, ainda, que é bastante relativa uma fuga do ego de processos originados do id, pois ambos não são separados, e alterações que ocorrem num deles, levarão, inevitavelmente, a mudanças no outro. O termo fuga, rigorosamente falando, seria, portanto, inadequado para se referir a defesa.

Freud explica essa circunstância como sendo devida a um defeito do aparelho psíquico: se o ego, para defender-se de ameaças externas, passa a considerar perigosas tendências instintivas do id, ao qual está ligado estreitamente, a luta contra elas significa alterar sua própria organização. Torna-se um ego restrito em suas funções, que permite a formação de sintomas - produto transacional entre suas exigências e aquelas instintivas - e ainda continua sua luta na defesa secundária, desde que a tendência do reprimido é pressionar no sentido da satisfação.

Repressão e Resistência

Ao mesmo tempo que o ego protege-se, através da repressão do perigo representado pelo impulso instintivo, esse reprimido, passando a fazer parte do sistema inconsciente, submete-se às leis que regem esse sistema, ficando fora do alcance do controle do ego; esse é o lado negativo da repressão para o ego. Assim, devido a compulsão a repetição do id, quando ocorre uma nova situação de perigo, o novo impulso segue o mesmo caminho do reprimido, inadequadamente; isso poderia ser evitado pelo ego, se este não estivesse restrito; por causa da fixação presente na repressão, que retém situações de perigo que não mais existem. Mesmo quando o ego pretende acabar com a repressão, e voltar a ter controle sobre o impulso instintivo e sobre as novas situações de perigo não é bem sucedido, em geral, nesse propósito; segundo Freud, são relações quantitativas "que determinam se an

tigas situações de perigo serão ou não preservadas, e se as repressões por parte do ego serão ou não mantidas".³³

A fase de tentativa de levantamento das repressões, por parte do ego, foi denominada "Working-through"; esse trabalho que o ego realiza deve-se ao que Freud denominou resistência do inconsciente. Essa resistência é proveniente do id, e se efetua através da "atração exercida pelos protótipos inconscientes sobre o impulso instintivo reprimido".³³

Além da resistência do inconsciente, Freud se refere a três tipos de resistências provenientes do ego: resistência a transferência, durante o processo terapêutico; resistência devida a "vantagem da enfermidade", relativa a assimilação do sintoma a organização do ego, e resistência de repressão. Nessa última, está em ação um anticatexe proveniente do sistema Prec. a qual já nos referimos no capítulo 2 desse trabalho. O papel desse anticatexe é manter a repressão, desde que o impulso instintivo reprimido pressiona, continuamente, no sentido de obter satisfação. Com essa apresentação, pretendemos situar a resistência da repressão como um dos tipos de resistência oposta pelo ego ao processo terapêutico.

A repressão primária

Resta-nos fazer uma referência a repressão primária. Como já vimos noutra ocasião, a condição para se efetuar a repressão propriamente dita, é a existência de uma fixação de um instinto ou parte dele num estado libidinal infantil; esse núcleo inconsciente formado na repressão primária exerce atração sobre as repre -

* Essa expressão foi mantida, por não termos encontrado uma tradução adequada.

sentações a serem reprimidas, somando-se as tendências repulsivas do ego. Entretanto, até essa altura, Freud pouco se refere aos estágios primitivos da repressão, e considera insuficientes seus conhecimentos sobre eles. O trabalho terapêutico, relacionado na maior parte dos casos a repressão secundária, não favorece o esclarecimento dessa fase inicial.

Nada de definitivo é apresentado em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ sobre a repressão primária, mas o autor considera que "há um perigo de sobrestimar a parte desempenhada na repressão pelo super-ego". É possível que ambas as repressões sejam delimitadas com o aparecimento do super-ego, mas são observadas reações de angústia intensas, antes da diferenciação do super-ego. Nessa obra, considera ser "altamente provável que as causas imediatas que precipitam as repressões primárias sejam fatores quantitativos, tais como um grau excessivo de excitação e a ruptura da proteção contra os estímulos".³³ Essa última parte se refere ao dispositivo protetor através dos quais o ego se defende das percepções externas que levam a ocorrência de um impulso indesejável, pois a repressão ocorre tanto por ativação de um impulso indesejável através de estimulação externa, como pela intensificação desses impulsos, internamente. Já vimos como o ego passa a considerar perigosos os impulsos que levam a uma situação de perigo externa e é nesse caso que há o rompimento desse dispositivo protetor.

Repressão e angústia - uma reformulação teórica.

Após uma apresentação geral das novas contribuições sobre a repressão, presentes nessa obra, passemos a uma síntese das reformulações teóricas propostas, quanto a relação entre a ansiedade e a repressão.

Como já vimos, foi a partir do estudo da neurose de angústia, onde ficou clara a presença de um acúmulo

lo de excitação de ordem sexual, que Freud elaborou a hipótese de ser a angústia produto de transformação de libido acumulada. No caso das psiconeuroses, onde a participação dos fenômenos psicológicos era evidente, a angústia passou a ser explicada como devida a transformação de libido, através do processo de repressão. Essa hipótese explicativa se manteve no decorrer da obra freudiana, até sua reformulação no artigo que passaremos a analisar. O que justamente pretendemos é demonstrar que essa reformulação é apenas aparente, significando, na realidade uma complementação a teoria exposta até então.

Já discutimos, em ocasiões anteriores, que o impulso instintivo é sempre representado por um componente ideacional e um componente afetivo. No artigo "a repressão", o autor considerava que com a repressão o representante instintivo (idéia) era deslocado (sintomas, formações substitutivas), sendo os destinos possíveis ao componente afetivo: a permanência total ou parcial do afeto tal qual ele era; transforma-se num afeto qualitativamente diferente, principalmente em angústia; ou ser suprimido. O destino do fator afetivo é mais importante do que aquele seguido pela idéia, desde que o objetivo fundamental da repressão é evitar o desprazer. Entretanto, em "O Inconsciente",²⁴ quando discute a possibilidade do afeto proceder diretamente do sistema Inconsciente, afirma, como já expusemos anteriormente, que "nesse caso, o afeto sempre tem o caráter de angústia, na qual todos os afetos reprimidos se transformam". Podemos considerar essa afirmação uma reformulação do ponto de vista anterior sobre os possíveis destinos do afeto? De qualquer forma, é para a produção de angústia que o interesse de Freud se volta, de modo especial,

Inicialmente, considera a angústia como uma carga devida a um acúmulo de excitação, principalmente libidinal (sexual), mas também se refere a ela como uma reação ao desprazer em geral, como notamos nessa passa-

gem do manuscrito E,³⁶ onde a angústia pode ser "uma sensação de um acúmulo de um outro estímulo endógeno (...): a angústia pode, portanto, ser capaz de ser usada em relação a tensão física acumulada em geral" . A ênfase maior foi dada sempre sobre a relação da angústia com a libido, e é claro que essas duas suposições não se superpõem.

Uma vez elaborada a terceira topografia do aparelho psíquico, no "Ego e o Id",²⁸ a repressão e a angústia vão ser abordadas em relação as instâncias ego, id e super-ego. A repressão passa a ser considerada um processo originado no ego e a angústia deixa de ser um produto de uma transformação da libido dos impulsos instintivos provenientes do id, como consequência da repressão. É o ego, agora visto como a sede da angústia, que vai produzi-la, intencionalmente, em situações de perigo.

A argumentação de Freud sobre considerar o ego a verdadeira sede da angústia é convincente: a angústia é produzida como reação a situação de perigo, e ainda, é um estado afetivo; como não se poderia reportar ao id a capacidade de julgar situações de perigo, por não ser organizado como o ego é, e como só o ego é capaz de sentir estados afetivos, o id não teria condições de ser a sede da angústia; desde que não teria sentido falar de angústia produzida pelo super-ego a suposição de ser ego a sede da angústia parece bastante adequada.

Uma vez considerando o ego a sede da angústia, a relação entre energia libidinal e angústia deixa de existir, desde que a energia acumulada no ego é dessexualizada. Desse modo, é resolvido o problema econômico que surgiria, ao se considerar a angústia como produzida pela retirada de catexes preconsciente do impulso instintivo a ser reprimido, pois essa suposição significaria um acréscimo da catexes, desde que se trata

de produção de desprazer ou angústia.

Foi através do estudo das fobias animais, como notamos no capítulo IV de "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ que Freud chegou a reformulação de seu ponto de vista inicial sobre a angústia; passou a interpretar a angústia presente nessas fobias, como um substituto de medo a castração. E aí está a formulação essencial que define o surgimento de sua nova teoria de angústia: "o afeto da angústia, que é a essência da fobia não se originou do processo da repressão, nem das catexes libidinais dos impulsos reprimidos, mas de própria agência repressora".³³ E ainda: "foi a angústia que produziu a repressão e não como eu inicialmente acreditei, a repressão que produziu a angústia".³³

Entretanto, Freud se embaraça com o reconhecimento da existência da angústia após a repressão; embora afirmando que a ansiedade nunca é devida a transformação direta de libido, não vê problema nenhum, do ponto de vista descritivo, em afirmar que a intensidade da angústia que ocorre através da repressão, é proporcional a força do impulso reprimido. A única crítica que faz a suas formulações anteriores é no sentido de sua pretensão a estar efetuando uma metapsicologia da transformação da libido em angústia, quando na realidade não conseguiu chegar a explicação de como esse processo se dava.

Reconhece que a repressão leva a alterações na libido pertencente ao id e acha possível que ocorra a sua transformação em angústia; mas ao mesmo tempo, enfatiza o ego como fonte da angústia, e o medo a castração como a verdadeira causa responsável pela mobilização do processo defensivo efetuado pelo ego. Ou seja, a presença da ambiguidade é bastante clara, mas o autor deixa de lado a hipótese presente nos trabalhos anteriores, — "a qual possui menos interesse para nós agora do que já teve"³³ — não conseguindo conciliá-

la a nova proposta.

O argumento utilizado pelo autor para abandonar seu ponto de vista inicial é que, uma vez passando a considerar o ego como o emissor do sinal de angústia, afetando a agência prazer-desprazer, a consideração do fator econômico, fundamental na primeira concepção, deixou de ser necessária. Reporta-se ainda, a histeria de conversão para provar que, nesse caso, a catexe libidinal do impulso reprimido não é utilizada na criação de angústia. De qualquer forma, a saída encontrada pelo autor é admitir que a catexe libidinal liberada como consequência da repressão pode ser utilizada para criação de mas agora "não tem mais importância que porção de energia é empregada para esse propósito".³³

Faremos um estudo crítico dessas formulações, no capítulo 5 desse trabalho.

ANGÚSTIA, REGRESSÃO, DEFESA E ESCOLHA DA NEUROSE

Nesse capítulo tentaremos mostrar o que é que ativa um sinal de angústia, colocando o processo repressivo em andamento. Esclareceremos que a regressão é a condição necessária ao aparecimento dos mecanismos de defesa, sendo que o tipo de neurose vai aparecer como consequência, vai depender do nível de fixação da libido, que determina em direção a qual etapa do desenvolvimento desta vai ocorrer a regressão. Para isso, vamos nos referir aos conceitos de conflito, frustração e fixação, às fases pelas quais passam o ego e a libido em seu desenvolvimento e, finalmente, a equação etiológica proposta para as neuroses.

Fases de evolução da libido

11, 35, 39

Inicialmente, apresentaremos brevemente, as várias fases de evolução da libido, primeiro quanto a sua organização e, em seguida, em termos de sua relação com os objetos. Na fase anarquica não se pode falar de existência, propriamente dita, de uma organização que a defina com características próprias. Na fase seguinte - Organização oral - o prazer é obtido através da excitação da boca e dos lábios; a atividade sexual e a absorção de alimentos estão intimamente relacionados, desde que possuem o mesmo objeto. Nesse caso, o fim sexual é a própria assimilação do objeto. O ato de sucção pode ser considerado como um resíduo dessa organização, havendo a substituição de um objeto exterior por

uma parte do próprio corpo. Embora Freud reconheça a existência de uma sexualidade oral nos "Três ensaios",¹¹ só passa a se referir a uma organização oral (1918), a p_os a observação de um erotismo anal em adultos e crianças e a formulação a partir de então, de uma organização anal.

A segunda fase da evolução da libido, sádico anal, caracteriza-se pelo predomínio da zona erógena a nal, adquirindo o ato da defecação um significado especial. Como destacam Laplanche e Pontalis,³⁹ a presença dessa fase é que vai levar Freud a se referir a uma organização pré genital; aparecendo essa referência pela primeira vez, na "Predisposição para a neurose obsessiva".²⁰ Nessa fase já está presente a antítese ativo-passivo que vai se manter através da vida sexual do indivíduo e que, posteriormente se transforma na antítese feminino-masculino. A atividade se relaciona ao sadismo e a passividade ao erotismo anal; a primeira, (representa pelo instinto de apreensão), tem como fonte a musculatura, desempenhando a mucosa intestinal o papel de órgão sexual passivo. Nessa fase, onde há primazia dos instintos sádico e erótico-anal, já aparece a relação com o objeto exterior, estranho a própria pessoa, embora eles não sejam os mesmos para cada uma dessas tendências. Já ocorre, portanto, a reunião de tendências parciais para a escolha do objeto, mas ainda não está presente a organização e a subordinação às zonas genitais. Resta entender o porquê dessa aproximação entre sadismo e erotismo anal: "o sadismo, bipolar por natureza - visto que visa contraditoriamente destruir o objeto e mantê-lo dominando-o - encontraria a sua privilegiada correspondência no funcionamento bifásico do esfinter anal (evacuação-retenção) e no controle deste", como explicam, com clareza, Laplanche e Pontalis.³⁹

Apenas posteriormente, na "Organização Geni-

tal Infantil"²⁹ (1923) Freud vai passar a se referir a uma outra fase Fálica — que se segue às organizações pré-genitais já citadas. Segundo ele, pode-se denominá-la genital desde que já ocorre a síntese das tendências parciais sob a primazia dos órgãos genitais, assim como o interesse em relação a eles é intensificado; entretanto, prefere falar de uma organização genital infantil, pois ocorre uma diferença fundamental em relação a organização adulta: "o sujeito infantil não admite senão um só órgão genital, o masculino para ambos os sexos. Não há, pois uma primazia genital mas uma primazia do falo"²⁹ — daí ser denominada fase fálica. O reconhecimento dessa fase supõe a existência, na infância, de uma sexualidade muito próxima a do adulto.

Mesmo antes da definição da fase fálica, Freud já chama atenção (na edição de 1922 dos "Três Ensaios",¹¹ sobre a semelhança entre a constituição sexual infantil e a dos adultos. Essa aproximação, está na possibilidade de ocorrência, já na infância, de uma eleição de objeto, característica da puberdade, quando então os instintos parciais são dirigidos para uma única pessoa. O que falta, antes da fase fálica, é a síntese das tendências parciais subordinadas as genitais. Entretanto, a importância no falo já aparece claramente em obras anteriores^{11,14}.

De acordo com Laplanche e Pontalis³⁹ podemos conferir a fase fálica as seguintes características:

- a. como já vimos, está presente na fase anal um par de opostos — atividade-passividade — que, na fase fálica passa a ser fálico — castrado. A evolução posterior desse par é representada pela síntese masculino-feminino.
- b. a fase fálica é fundamental no que diz respeito ao complexo de Édipo. Como diz Freud na "Organização Genital Infantil"²⁹, "para estimar exatamente a importância do complexo de castração é necessário a-

tender ao fato de sua emergência na fase de primazia do falo". O problema sério representado pela ameaça de castração deve-se ao mesmo tempo a importância que o órgão sexual tem para o menino e a constatação da falta de pênis nas mulheres, que pode significar que um dia elas foram castradas, o mesmo podendo acontecer com eles.

- c. a importância do órgão genital masculino para as meninas é denotada pelo aparecimento de inveja do pênis, definindo-se assim, a existência de uma fase fálica também para as mulheres. Freud acredita, portanto, que tanto as mulheres como os homens, centram-se no órgão masculino, embora esse aspecto da teoria psicanalítica seja um ponto de discussão para alguns autores. Pelo fato da mãe não lhe ter dado um pênis, a menina desenvolveria uma atitude de afastamento em relação a ela, elegendo o pai como objeto de amor, pois só ele teria condições de lhe dar um pênis, pelo menos simbolicamente, através de um filho.^{29,35} Freud considera que permanecem no inconsciente os dois desejos, o de ter um pênis e o de possuir um filho, e esta circunstância ajudaria a preparar a menina para seu papel sexual. Mas, "temos de confessar que nosso conhecimento desses processos evolutivos na menina é bastante insatisfatório e incompleto."³⁰

A organização genital ocorre quando os instintos parciais se sintetizam e se organizam sob a dominância dos genitais. Como já vimos, Freud considerava inicialmente, como organização apenas a genital, correspondendo a sexualidade infantil a uma "perversidade polimorfa"; entretanto, posteriormente, reconhece cada vez mais a semelhança entre a forma da sexualidade infantil e a adulta e os vários níveis de evolução da libido como verdadeiras organizações. A diferença entre elas está em que, na sexualidade infantil, falta a u-

nião dos instintos parciais sob o domínio das genitais a serviço da reprodução. Quando isso acontece, o indivíduo atinge a última etapa de sua evolução sexual, isto é, a sexualidade adulta.

Numa síntese do que foi apresentado, podemos dizer que o desenvolvimento da libido se dá, quanto a organização, através das seguintes fases: anárquica, organização oral, organização sádico-anal, organização fálica e organização genital. Do ponto de vista das relações com os objetos, temos inicialmente, uma fase auto-erótica, onde os objetos sexuais se centralizam nas partes do próprio corpo; uma fase narcísica, onde já há eleição de objeto, só que nesse caso, o interesse volta-se para o próprio ego e, finalmente, a fase alce-rótica, onde a escolha recai sobre objetos externos: será homoerótica, quando o objeto é do mesmo sexo e heteroerótica quando estiver voltada para objetos do sexo oposto.

Evolução do ego

Queremos esclarecer que, a rigor a divisão entre desenvolvimento do ego e desenvolvimento da libido não é adequada desde que o ego faz parte da libido. Entretanto, podemos isolá-lo para um melhor entendimento das fases por que passa em sua evolução.

O curso do desenvolvimento do ego é caracterizado por três passagens: do princípio do prazer ao princípio da realidade; do processo psíquico primário ao processo psíquico secundário; do ego fragmentado ao ego sintético.

Freud considera que a atividade psíquica é dirigida no sentido de obter prazer e evitar desprazer, ou seja, ele é regulado pelo que foi definido como Princípio do Prazer. O "prazer é relacionado a uma diminuição, redução, ou extinção das quantidades de estímulo

lo presentes no aparelho mental e o desprazer é relacionado a seu aumento".²⁵ Os instintos sexuais são sempre orientados no sentido da obtenção do prazer e o mesmo se dá com os instintos do ego. Entretanto, o ego é capaz de adiar a procura da satisfação das necessidades, adaptando-se as exigências do mundo exterior. A passagem, no ego, do princípio do prazer ao princípio da realidade, não significa portanto, "uma exclusão do princípio do prazer, mas a renúncia de um prazer momentâneo, de consequências inseguras... para alcançar, por um novo caminho, um prazer ulterior e seguro".¹⁸ O Princípio da Realidade sucede, assim, o princípio do prazer e a ele se relaciona uma série de adaptações efetuadas pelo aparelho psíquico:³⁹ desenvolvimento das funções conscientes, atenção, juízo, memória; a descarga motora é substituída por uma ação que transforma a realidade, no sentido de obtenção de satisfação; nascimento do pensamento, que supõe a presença de energia "ligada". Se os instintos de auto-conservação são educáveis pela realidade, o mesmo não ocorre com os instintos sexuais, que só se educariam com atraso em relação a realidade desde que, no início, eles não necessitam de um objeto, pois encontram uma satisfação auto-erótica nas próprias partes e funções corporais. Freud considera que esse atraso e as condições que levaram a ele constituem um dos elementos essenciais da disposição psíquica a neurose¹⁸

Um segundo aspecto do desenvolvimento do ego, está na passagem do processo psíquico primário ao processo psíquico secundário. Passemos a uma breve caracterização de cada um deles.³⁹ Foi através do estudo dos sonhos e da formação de sintomas que Freud reconheceu, a existência de um tipo de funcionamento mental, onde os mecanismos observados são o deslocamento (quando se transferem de uma representação a outra, aparentemente insignificante, o valor, o significado e a intensidade

da primeira) e a condensação (quando uma representação passa a representar, sozinha, os significados de várias cadeias associativas que chegam a ela e das quais ela é interseção); esses mecanismos são característicos do processo psíquico primário e supõem a existência de uma energia psíquica livre, que passa, sem barreiras, de uma representação a outra. Esse tipo de funcionamento é próprio do sistema inconsciente e nele está, ainda, presente a tendência a estabelecer uma identidade perceptual alucinatória dos objetos de satisfação, como já expusemos, anteriormente no capítulo 1 desse trabalho.

O processo psíquico secundário pode ser considerado uma modificação do processo psíquico primário; desempenha uma função reguladora deste, e constitui um estágio mais avançado do desenvolvimento do ego; cuja função é inibir as tendências implícitas no processo psíquico primário e efetuar as identidades perceptuais reais. Do ponto de vista topográfico, o processo psíquico secundário é característico do sistema Pré-consciente; do ponto de vista econômico-dinâmico, trata-se de energia ligada, cujo escoamento se faz de forma controlada, ao contrário da energia livre presente no processo psíquico primário. A satisfação é adiada, sendo levados em conta os caminhos possíveis para atingi-la, em função das exigências impostas pela realidade.

Finalmente, a evolução do ego o leva a se tornar uma verdadeira organização, onde a síntese é um de seus atributos fundamentais. Assim, é característico do ego a manutenção de relações amplas e de influências recíprocas constantes entre suas partes. A necessidade de unir e sintetizar cresce, conforme a força do ego aumenta.³³ Não é, pois, surpreendente que o ego tente incorporar um sintoma a sua organização, adaptando-se a ele da mesma forma que o faz à realidade

externa, e, ainda, fazendo-o útil a seus interesses. Freud vai-se referir a esse fenômeno como a "vantagem secundária da enfermidade".³³ Falamos, por outro lado, de uma clivagem do ego quando essa síntese deixa de ocorrer: pelo fato da realidade não permitir a satisfação de uma exigência instintiva, passam a existir, ao mesmo tempo, no ego, duas atitudes psíquicas diferentes: uma, levando em conta a realidade e outra negando-a e colocando em seu lugar o objeto desejado e negado (fetichismo, psicose). Trata-se nesse caso, de uma involução do ego, pois ambas as atitudes contrárias coexistem sem se influenciarem entre si.³⁹

Fixação e regressão

A partir de uma concepção genética da libido, isto é, considerando-se que ela passa por fases que se sucedem no tempo durante o desenvolvimento, o termo fixação é empregado para se referir a uma parada de um ou mais componentes de uma tendência sexual, em uma dessas fases.²⁵

Podem acontecer, por outro lado, de impulsos instintivos que não sofreram fixação, mas seguiram as etapas normais da evolução, encontrarem obstáculos externos a satisfação pretendida, retornando, então, a estágios anteriores do desenvolvimento. Trata-se, nesse caso, da regressão. Podemos dizer de modo mais simples que regressão é o contrário de desenvolvimento, ou melhor, que possuem sentidos opostos. Pela apresentação inicial das várias etapas presentes no desenvolvimento da libido, entendemos a regressão como uma volta de um componente instintivo de um determinado nível de evolução que conseguiu atingir, a qualquer um dos níveis anteriores.

Segundo Freud, embora a fixação e a regressão sejam processos diferentes, não podem ser considerados independentes. Quanto mais forte for a fixação, maior

será a tendência para o impulso instintivo, no caso de encontrar um obstáculo, a retroceder aos elementos fixados, assim como oferecer pouca resistência às dificuldades com as quais se depara no curso de seu desenvolvimento.²⁵ Esses dois processos e a relação entre eles é fundamental para o estudo da etiologia das neuroses.

Freud distingue três tipos de regressão:¹⁰ topográfica, temporal e formal. A regressão topográfica, refere-se a uma inversão do fluxo de catexes normalmente, orientado no sentido da percepção para a motilidade. A regressão formal supõe um retorno a estruturas anteriores de organização. A regressão temporal; pode ocorrer, nesse caso, uma regressão quanto ao objeto, quanto a fase libidinal e quanto a etapas anteriores da evolução do ego.

A rigor, podemos dizer que a regressão propriamente dita é a regressão formal, pois se o desenvolvimento supõe estágios crescentes de organização, o contrário de desenvolvimento (regressão) será sempre um retorno a estágios anteriores de organização. Nesse caso, uma regressão temporal está sempre implícita numa regressão formal, podendo ambas coincidirem, dependendo da idade do indivíduo.

É importante levar em conta essa classificação em vários tipos de regressões, pois tanto casos de psicologia normal como casos psicopatológicos, são muitas vezes caracterizados por um tipo de regressão e não outro. Se na histeria ocorre uma volta aos objetos, incestuosos primários, na neurose obsessiva, por outro lado, o que é fundamental é a regressão da libido a organização sádico-anal, que define a maneira pela qual os sintomas se manifestam.²⁵

Entretanto, a regressão, por si só, não levaria ao aparecimento das neuroses, mas apenas a perversão. Para etiologia das neuroses é, ainda fundamental

o papel da repressão, considerada por Freud " o processo que é mais peculiar as neuroses e é mais característico delas"²⁵. Ou seja, a neurose aparece só quando a regressão é acompanhada pela repressão. Numa comparação entre ambas, é destacado o caráter dinâmico do conceito de repressão, e o caráter descritivo do conceito de regressão. Isto significa que quando dizemos que houve uma regressão não estamos esclarecendo como é que esse retorno se efetuou, mas apenas descrevendo sua ocorrência. A repressão, como já vimos anteriormente, no capítulo 2, ocorre seja quando um ato pertencente ao sistema pré-consciente é transferido ao sistema inconsciente, seja quando um ato inconsciente é negado o acesso ao sistema pré-consciente. Com isso, vemos que a repressão é um processo psicológico que deve ser considerado dentro de um contexto topográfico e dinâmico, isto é, a partir da suposição do aparelho mental ser formado por diversos sistemas não se referindo, portanto, a uma mera descrição.

Frustração, conflito e etiologia das neuroses

Em toda neurose há um determinante sempre presente, que é denominado frustração, e pode ser definido como a ausência da satisfação de uma tendência libidinal. Podemos dizer que a frustração aparece quando, a partir de uma tensão de necessidade, sendo ativados, os engramas da memória kinestésica e do objeto de satisfação, e surgindo o impulso de desejo para estabelecer a identidade perceptual, a necessidade não é satisfeita porque o objeto não está presente. Entretanto a frustração é uma condição necessária para a neurose, mas não suficiente, desde que nem sempre a falta de satisfação de um impulso libidinal leva a neurose.

O efeito patogênico da frustração pode ser e

vitado de várias formas. Os impulsos instintivos relacionam-se de tal forma, que podem-se substituir entre si, de modo que a ausência de satisfação de um deles pode ser compensada pela satisfação de um outro. Isso se refere ao que Freud denominou "plasticidade" dos instintos e seria uma das maneiras de evitar a frustração.²⁵ Uma outra possibilidade de se defender da frustração está na capacidade dos instintos sexuais mudarem de objeto, de modo a compensarem a falta do objeto específico por outro que esteja disponível. Há, ainda, o processo da "sublimação", particularmente reforçado e estimulado culturalmente, que é basicamente a substituição do objetivo de satisfação das tendências sexuais, por objetivos considerados sociais. Entretanto, a resistência à privação tem seus limites. A capacidade de sublimar é variável entre os indivíduos, a libido pode permanecer insatisfeita, em termos quantitativos até um certo ponto, e principalmente, sua mobilidade é relativa, desde que a faixa de objetos e objetivos capazes de levarem a satisfação é muito reduzida.

As fixações que são deixadas no curso de uma evolução imperfeita da libido, podem ser consideradas também, além das frustrações, como fatores causadores de neurose. Para Freud, "a fixação libidinal representa o fator de predisposição interna na etiologia das neuroses, enquanto a frustração representa o fator acidental, externo".²⁵ Ambos os determinantes são condições necessárias para o aparecimento da neurose, sendo que eles atuam de modo complementar, isto é, quanto maior o peso da constituição sexual, menor será o peso dos fatores acidentais, necessários para surgir a neurose. Assim, os casos de neurose se distribuem em uma série - "série complementar" - onde, num extremo, estão aqueles casos onde a preponderância do fator constitucional (fixação) é máxima, de modo que independentemente das experiências que o indivíduo viesse a ter, acabaria

contraíndo a doença; do outro lado, estão os indivíduos que, provavelmente, não se tornariam neuróticos se suas experiências (frustrações) não tivessem sido tão traumáticas. Entre os extremos, um grau maior ou menor de predisposição por fixação combina-se a um grau menor ou maior de predisposição pela frustração. O termo "Série Complementar" aparece, pela primeira vez, na "Conferências Introdutórias", mas podemos notar seus antecedentes, na "equação etiológica" das neuroses proposta na "Resposta a crítica sobre neurose de angústia",⁷ a qual já nos referimos no Capítulo 3 desse trabalho. Com a introdução da "Série Complementar", fica enfatizada a necessidade de se deixar de lado a questão sobre se são fatores exógenos ou endógenos os responsáveis pelo aparecimento da neurose. Estabelece-se, claramente, a presença conjunta desses dois fatores.

As fixações podem ser devidas a fatores constitucionais, isto é, "pré-históricos", quando existe uma tendência inata para que um componente instintivo parcial tenha uma força maior que a de outro; pode ocorrer, também, causada por fatores históricos, tais como traumas, influências familiares, etc. Freud refere-se, ainda, em várias ocasiões, a uma "viscosidade" geral da libido, que a predispõe a se aderir intensamente a tendências e objetos particulares. Isso poderia significar uma defesa contra uma possível falta de satisfação na fase libidinal seguinte. Portanto, os determinantes da fixação são encontrados nas experiências e nas atividades da sexualidade infantil, bem como nas disposições constitucionais hereditárias que também foram adquiridas, por nossos ancestrais através de suas experiências. Da mesma forma que falamos anteriormente, de uma "série complementar" ao considerar como fatores etiológicos a experiência acidental do adulto e a disposição por fixação, o mesmo se aplica aos determinantes da fixação: quanto maior a força do fator fi-

logenético, menor a da experiência infantil e vice-versa; pode-se encontrar, ainda, os casos extremos nos quais o peso dos fatores é muito grande, sendo suficiente, por si só, para levar a neurose. Freud insiste na importância das experiências infantis,^{25,34} normalmente deixado de lado em função de uma maior valorização das experiências transmitidas hereditariamente ou vivenciadas na vida adulta.

Além da fixação e da frustração, Freud introduz o conflito como um outro fator presente na etiologia das neuroses. A definição mais simples de um conflito psíquico e que dá conta de sua característica essencial, é que se trata de uma oposição entre impulsos de desejo contrários entre si. Entretanto, nem todo conflito é patogênico, desde que ocorrem na vida de indivíduos normais, constantemente, situações onde estão presentes tendências ou desejos que se opõem.

Freud considera a frustração como condição para o surgimento do conflito: se, na frustração, a libido não tem acesso aos objetivos que permitem a satisfação, ela tentará encontrá-los por meio de outras vias e outros objetos. Entretanto, essa nova maneira de satisfação da libido está em desacordo com outra parte da personalidade e esse desacordo gera o conflito. Podemos dizer que o conflito refere-se a uma ambivalência do objeto que é, ao mesmo capaz de satisfazer uma tendência e de encontrar oposição à sua satisfação da parte de outra. O autor tenta esclarecer esse ponto de vista supondo que "para uma frustração externa tornar-se patogênica uma frustração interna deve ser acrescentada a ela",²⁵ sendo que cada uma se relaciona a objetos e vias próprias. Se a frustração externa é fruto da não ocorrência da satisfação da libido, a frustração interna se deve a uma exclusão de uma outra possibilidade de satisfação, surgindo, então, o conflito. Es

As formulações freudianas são particularmente confusas e dão margem a muitas dúvidas. Talvez um esclarecimento seja possível se nos referirmos a frustração externa como devida a uma situação na qual é negada, a partir do exterior, a satisfação de uma tendência libidinal; quando é o próprio sujeito que se opõe a satisfação dessas tendências, porque elas se opõem a outras também presentes nele, falamos em frustração interna. A primeira vez que Freud usou o termo frustração, referindo-se tanto a obstáculos externos como internos foi em 1912¹⁹; a partir dessa época, o papel da "Frustração" como um fator presente na etiologia das neuroses, foi sempre enfatizado.

Uma vez apresentadas as relações do conflito com a frustração, passemos a explicitar mais claramente quais as forças presentes no conflito. Trata-se, de um lado dos impulsos instintivos sexuais e, de outro, dos instintos do ego; pode haver, em alguns casos, conflito entre dois impulsos sexuais, mas, nesse caso, um deles está "sintonizado com o ego e o outro provoca a defesa do ego".²⁵

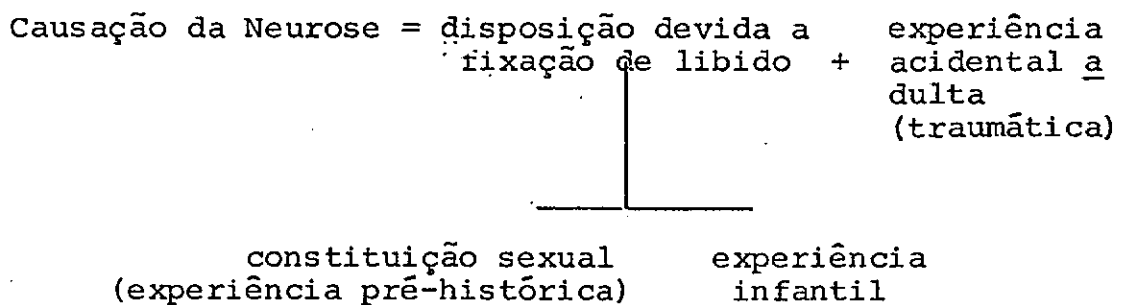
Apesar de Freud, no decorrer de sua obra, ter apresentado várias elaborações sobre o conflito, como notam Laplanche e Pontalis,³⁹ o que se mantém de comum entre elas é, em primeiro lugar a presença de um dualismo de forças e, em segundo, a presença constante da sexualidade como um dos polos do conflito (variando o outro como "ego", ou "instintos do ego" ou "instintos de morte"). Ou seja, as neuroses, em última análise, são devidas ao conflito ego-sexualidade.

Entretanto, deve-se notar que, inicialmente, as tendências libidinais e as tendências auto-preservadoras do ego, não se opõem mas pelo contrário, pode-se supor que haja uma certa correspondência entre as fases de desenvolvimento do ego e da libido, sendo que pode ocorrer uma influência, por parte do ego, sobre a

evolução da libido. De tudo isso, para a etiologia das neuroses o que é fundamental é entendermos o que ocorre com o ego, quando a libido se fixa intensamente numa fase de seu desenvolvimento. Segundo Freud, há duas possibilidades: ou o ego aceita a fixação - tornando-se infantil ou perverso - ou a rejeita - e, então, "o ego experiencia uma repressão onde a libido experienciou uma fixação".²⁵

Na etiologia das neuroses estão presentes, portanto, os seguintes elementos: a frustração, como pré-condição mais geral; a fixação, por meio da qual a libido volta a fases anteriores de seu desenvolvimento; e a tendência ao conflito, devida a oposição imposta pelo ego a satisfação dos impulsos libidinais. Com a elaboração da terceira topografia do aparelho psíquico,²⁸ a neurose passa a ser considerada como resultado de um conflito entre ego, - que responde as exigências do super-ego e da realidade³¹ - e as tendências instintivas provenientes do id.

A relação entre todos esses fatores foi representada por Freud através do seguinte diagrama:²⁵



Nessa equação, a frustração e o conflito ao qual já nos referimos, constituem o segundo fator da série complementar, responsável pelo desencadeamento da neurose. Do fato, descoberto através da terapia psicanalítica, que nem sempre as experiências infantis relatadas por seus pacientes realmente aconteceram, mas nada mais são do que fantasias, em nada altera a influência da experiência infantil na série complementar. Para Freud, as fantasias possuem uma realidade psíquica, e "no mundo das neuroses é a realidade psíquica que é a decisiva".²⁵

Nessa cadeia etiológica Freud enfatiza, portanto a necessidade de se efetuar não só uma análise qualitativa dos determinantes etiológicos, mas também considerá-los do ponto de vista quantitativo. Ou seja, o conflito entre duas tendências só aparece quando estão em jogo certas intensidades de catexe, mesmo que os determinantes já estejam presentes. Para a constituição sexual ter um significado patógeno depende de "quanto mais de um componente instintivo do que de um outro está presente na disposição hereditária".²⁵ Portanto, é necessário abordar esses processos tanto do ponto de vista dinâmico, quanto do ponto de vista econômico. Freud acredita que, em termos qualitativos a disposição dos indivíduos não difere entre si, isto é, os determinantes estariam sempre presentes, mas o que define o aparecimento da neurose é o peso do fator quantitativo. A capacidade de resistir a doença depende de que "cota de libido não empregada"²⁵ a pessoa pode suportar e de quanto de sua libido pode ser usada na sublimação.

A questão das diferentes espécies de causas que levam a neurose foi abordada por Freud em trabalhos anteriores,^{7,8,11} mas a introdução do conceito de "séries complementares" só aparece em 1917 nas "Conferências Introdutórias" XXII e XXIII.²⁵ Anteriormente Freud

fez referência a "séries etiológicas" onde "a diminuição da intensidade de um fator é compensada pelo aumento de intensidade do outro"¹¹. Pode-se considerar que as "séries complementares" tiveram sua origem na equação etiológica, a qual já nos referimos no capítulo 3. Podemos notar, entre elas, uma grande distância no que diz respeito ao papel desempenhado por cada um dos fatores. Na equação de 1895,⁷ tínhamos: $FQ = H + A + E$ o fator quantitativo (relação entre a quantidade de excitação que pesa sobre o sistema nervoso e sua capacidade para suportá-la) equivale a soma das causas sobre determinantes. A hereditariedade (H) era concebida como uma "tara" a doença, muito próxima portanto, de uma concepção médica. Na "série complementar", o sentido herdado da constituição sexual já é bastante diferente: trata-se da presença inata da dominância de uma fase do desenvolvimento libidinal em relação as outras, isto é, quanto mais de um componente instintivo do que de outro está presente: mas esse fator só vai ter influência, como fator etiológico, dependendo de seu complemento. Na equação etiológica de 1895 o fator específico para as neuroses de angústia eram os distúrbios da vida sexual atual, que levavam a um aumento de excitação no sistema Psi-nuclear acima do limiar; para as psiconeuroses, eram os distúrbios sexuais infantis, relativos a uma experiência sexual que, se passiva levava a histeria ou sendo ativa determina o aparecimento da neurose obsessiva, (embora, posteriormente abandone totalmente essa teoria¹³).

A concepção da causa específica segundo a "série complementar" já é bastante diferente: o fator específico de causação da neurose é a fixação, determinada pela relação complementar entre as aquisições filogenéticas e as ocorrências infantis. O conflito e frustração correspondentes às experiências acidentais, tra

máticas, da vida adulta, são, como complemento da fixação, apenas o fator desencadeante da doença.

O que apresentamos anteriormente, no decorrer desse capítulo, teve por finalidade nos fornecer os elementos necessários a compreensão da posição ocupada pelo sinal de angústia, no processo que leva ao aparecimento da neurose.

A reformulação proposta por Freud, em "Inibição, Sintoma e Angústia,"³³ como já vimos anteriormente, é considerar a angústia como causadora da defesa, situação a repressão como um dos mecanismos de defesa utilizados pelo ego em situações de conflito e frustração. Estes são os fatores desencadeantes da neurose que, por si sós, não seriam capazes de produzir a doença, se não estivesse presente o fator específico representado pela predisposição, através das fixações.

O aparecimento da situação de conflito e frustração, constitui uma ameaça que se instaure uma situação traumática, na qual está presente um acúmulo de excitação que ultrapassa um valor limiar no sistema Psínuclear pela recatetização da memória filogenética de castração; desse modo o ego se encontraria numa situação de desamparo, na qual perderia o controle sobre os destinos desses impulsos indesejáveis. A situação de perigo, definida pela ameaça de uma situação traumática, é sinalizada por uma leve liberação de angústia — sinal de angústia — através do qual o ego evita que ocorra uma eclosão maior desse afeto, no caso de se instalar uma situação traumática.

Vai ocorrer, então, uma regressão, sendo que a fase a qual a libido retorna é determinada pela fixação deixada no decorrer de seu desenvolvimento, nas quais a satisfação não lhe foi negada.¹⁶ A libido regride desde que, procurando novos modos de satisfação, uma vez frustrada em seus objetivos iniciais, estes são,

também, recusados. Se essa regressão é aceita pelo ego, não aparece a neurose, mas sim a perversão; caso contrário, o ego coloca em ação o mecanismo defensivo. Enfatizar a regressão * como uma condição ao início do processo defensivo se esclarece, se considerarmos, por exemplo, que a repressão supõe a ocorrência de uma passagem do processo psíquico secundário ao processo psíquico primário (regressão do ego). A substituição de um processo psíquico por outro significa uma maior mobilidade da catexe, permitindo a ocorrência dos deslocamentos da catexe, das estruturas afetivas e ideacional reprimidas para outras, que é o que acontece na repressão.

É o nível da fixação a qual a libido retorna (oral, sádico-anal, fálica) que define qual o mecanismo de defesa será utilizado e, subsequentemente que processo de formação de sintomas se efetuará. Os mecanismos de defesa que o ego pode utilizar em situação de conflito e frustração são: a repressão, o isolamento, a anulação retroativa, a projeção, o repúdio e a recusa). A escolha da neurose dependerá de qual defesa ou agrupamento de defesas está em ação.

Já vimos que, com a repressão, são retiradas as catexes dos componentes ideacional e afetivo do impulso instintivo, permanecendo reprimidos, nos sistemas inconscientes, a memória kinestésica, que uma vez ativada, levará a conversões; pode deslocar-se sobre outras memórias e as estruturas afetivas, ou pode deslocar-se sobre uma estrutura afetiva ansiosa e, nesse

* Agradeço ao Prof. Carlos Paes de Barros, o esclarecimento sobre o papel da regressão nesse processo.

caso, ocorrerá a descarga de angústia. Para cada tipo de deslocamento, temos respectivamente, a Histeria de Conversão, a Neurose Obsessiva e a Histeria de Angústia. Queremos esclarecer ainda, que podem estar presentes na formação de sintomas, um ou mais tipos de mecanismos de defesa sendo que os vários quadros psicopatológicos resultantes vão depender de quais agrupamentos de defesa estão sendo utilizados. (Por exemplo : na neurose obsessiva, além da repressão, estão presentes, ainda, o isolamento e a anulação retroativa).

Com essa exposição final o que pretendemos mostrar é que pode haver dois tempos na produção de angústia: ela aparecerá, sempre em situações de conflito, (que representam uma ameaça que se instale uma situação traumática, pela recatetização da memória filogenética de castração) como condição necessária, para colocar o processo defensivo em andamento, mas pode ainda aparecer, como consequência da repressão, dependendo do destino da catexe retirada do impulso reprimido. A ênfase que pretendemos dar a regressão se deve ao fato que determinadas regressões são características de certas enfermidades;³⁴ o determinante do destino dessa catexe retirada através da repressão, é, pois, a fase a qual a libido retornou pela regressão. Assim, é característica da neurose obsessiva a regressão a fase sádico-anal e da histeria a regressão a fase fálica. O reconhecimento de um retorno a fase fálica, na histeria, só foi possível após a formulação da existência de uma organização genital infantil (fase fálica), em 1923,²⁹ embora se encontre, antes dessa época, antecedentes dessas formulações²⁰. Não se trata, portanto, da repressão ser um mecanismo típico da histeria, como afirma em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ e a regressão o característico da neurose obsessiva. Em ambas estão presentes tanto a regressão como a repressão, só que, no caso da neurose obsessiva, esse retorno é efetuado a uma fase mais antiga.

DUAS TEORIAS DA ANGÚSTIA OU DUAS ETAPAS DO
PROCESSO DEFENSIVO?

Pelo que expusemos nos capítulos anteriores, podemos retirar da obra freudiana três teorias sobre a angústia. Na primeira, presente no início de seus trabalhos teóricos ^{5, 52, 7, 36, 37} (1895), a angústia aparece quando um acúmulo de excitação sexual se instala no sistema Psi-nuclear e ultrapassa um valor limiar, por não se descarregar de forma adequada. A excitação acumulada descarrega-se, então, na forma de angústia. Essa teoria foi formulada a partir do estudo das neuroses de angústia e nela é enfatizado o desligamento da angústia de uma possível origem psíquica. O processo se desenrolaria, portanto, apenas ao nível do sistema Psi-nuclear e a produção seria devida a um desvio de excitação sexual somática da esfera psíquica, correspondendo a um emprego anormal dessa excitação. Trata-se, nesse caso, da angústia econômica ou automática, cuja definição só aparece posteriormente no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia".³³

A segunda teoria sobre a angústia é formulada em 1909,¹⁴ quando a histeria de angústia é classificada como um processo patológico independente. A necessidade de defini-la como uma afecção neurótica surgiu do estudo de um caso de fobia animal, no qual a fobia era o sintoma central. A denominação histeria de angústia foi justificada pela semelhança entre essa neurose e a histeria de conversão. A característica fundamental que as distinguia da histeria de conversão estava segundo Freud, no que

era feito da libido retirada da idéia reprimida. Na histeria de conversão ela seria desviada para inervações motoras e na histeria de angústia, ela se transformaria em angústia. Ou seja, numa situação de conflito, instala-se o processo de repressão e um dos produtos possíveis de se obter através da transformação da libido reprimida, é a angústia.

A angústia como produto da repressão por transformação da libido aparece em trabalhos posteriores, como por exemplo, nos artigos "A Repressão"²³ (1915), e "O Inconsciente"²⁴ que já analisamos no capítulo 2.; ainda nos "Três ensaios sobre a sexualidade"¹¹ encontramos a seguinte passagem: "um dos mais importantes resultados da pesquisa psicanalítica é esta descoberta que a angústia neurótica emerge da libido, que ela é uma transformação dela e que é, portanto, relacionada a ela da mesma forma que o vinagre ao vinho". A terceira teoria sobre a angústia está presente no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ publicado em 1926. Nessa época, já havia sido elaborada a terceira topografia do aparelho psíquico, e a repressão é abordada segundo as instâncias ego, id e super-ego. O ego passa a ser considerado a sede da angústia, que é produzida por ele, intencionalmente de forma atenuada - sinal de angústia - como um meio de evitar uma eclosão mais intensa desse estado afetivo. Essa sinalização é efetuada pelo ego perante situações de perigo que constituem uma ameaça de ocorrência de uma situação traumática, definida por um acúmulo de excitação acima de um valor limiar no sistema Psi-nuclear. Através do sinal de angústia, é colocado o processo repressivo em andamento. A reformulação teórica básica está, portanto, em que não é a repressão que causa a angústia mas, pelo contrário, é a produção de angústia a condição necessária para o aparecimento de repressão.

Queremos esclarecer que essa sistematização proposta não é encontrada na obra freudiana, nem em trabalhos de seus estudiosos. O que se verifica neles, é um

abandono da primeira teoria, de modo a se referirem apenas a duas teorias sobre a angústia, que são a que nomeamos como segunda e terceira, onde a angústia é abordada em termos de sua relação com a repressão. Por exemplo, podemos notar no "Vocabulário da Psicanálise",³⁹ que Laplanche e Pontalis consideram que o sinal de angústia "constitui a idéia mestra do que geralmente se chama a segunda teoria da angústia". Strachey comete o mesmo engano, como podemos notar por essa passagem de sua introdução ao ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia"⁴²: a "última relíquia da velha teoria estava para ser abandonada poucos anos mais tarde".

Entretanto, Freud não pode negar que ocorrem, com a repressão, alterações na libido pertencente aos processos do id; a presença do estado afetivo ansioso, após a repressão pode ser constatada, e sua explicação por meio da transformação da catexe libidinal parecia-lhe irreconciliável com a nova hipótese de uma angústia produzida intencionalmente. Há passagens em "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ que mostram claramente esses pontos de contradição e dúvida. Embora tenha chegado, através do estudo das fobias, a concluir que há uma leve liberação da angústia antes da repressão e como condição para que esta ocorra e não pretenda abandonar essa hipótese, afirma que "pode ser que na repressão a angústia seja produzida a partir da catexe libidinal dos impulsos instintivos",³³ mas não vê como seja possível reduzir as duas fontes da angústia a uma só. Quanto a seu ponto de vista anterior, acreditava que poderia ser considerado correto, descritivamente; segundo ele, seu erro, nessa época, era supor que se tratava de uma explicação metapsicológica, e não de uma mera descrição. Mas, na verdade, não havia sido capaz de explicar como ocorria a transformação da libido em angústia. Por outro lado na adenda do ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia"³³ afirma que a catexe libidinal do impulso reprimi

do é empregada de outra forma, e não descarregada sob a forma de angústia, dando como exemplo, a histeria de conversão. Mas, no mesmo ensaio, admitindo que a catexse libidinal liberada como consequência da repressão pode ser utilizada para criação de angústia, afirma que agora "não tem mais importância que porção de energia é empregada para esse propósito"³³. Essas afirmações contraditórias revelam que Freud tinha dificuldade em abandonar completamente a teoria anterior, mas ao mesmo tempo, não encontrava nenhum meio de conciliá-la as novas conclusões a que havia chegado.

Entretanto, uma análise cuidadosa dessas três formulações teóricas sobre a angústia, leva-nos a concluir que se trata, na realidade apenas de uma teoria da angústia.*

Nossa proposta é considerar que a assim chamada "segunda" teoria, representa uma aparente reformulação; na verdade corresponde a explicitação de uma primeira etapa que, complementada pela "primeira" teoria, forma uma tentativa teórica única de classificação da relação entre repressão e angústia. Além disso, queremos enfatizar que a angústia econômica e o sinal de angústia não são opostos entre si, como afirmam Laplanche e Pontalis",³⁹ nem correspondem a duas teorias — mas sim são dois conceitos referentes a etapas do mesmo fenómeno. É possível chegarmos a formular uma única teoria, que daria conta dessas fontes de ansiedade, aparentemente irreconciliáveis e contraditórias entre si.

Já vimos que a angústia automática ou econômica ocorre numa situação de desamparo do ego frente a um

* Essa proposta foi desenvolvida segundo sugestão do Dr. Carlos Paes de Barros.

acúmulo de excitação proveniente, seja de fontes endógenas ou exógenas, que ultrapassa um valor limiar perdendo o ego a capacidade de controlá-lo (situação traumática). Essa descarga é percebida ao nível do aparelho psíquico, pelo sistema ω , deixando uma estrutura afetiva como registro de sua ocorrência, o sinal de angústia. A angústia econômica é, portanto, a primeira experiência de angústia vivenciada pelo sujeito. O estado afetivo ansioso (afeto penoso) aparecerá posteriormente, quando for reativada o engrama dessa experiência primitiva. Entretanto, como já tivemos ocasião de esclarecer, o termo sinal de angústia é usado por Freud com dois sentidos diferentes, referindo-se seja ao engrama de angústia econômica, seja ao resultado de sua reativação - o estado afetivo ansioso.

É importante notar que existem engramas tanto de situações traumáticas experienciadas pelo próprio sujeito, como engramas de situações traumáticas que se transmitem como uma herança filogenética, isto é, correspondente a resíduos mnêmicos de acontecimentos primitivos, característicos do desenvolvimento da espécie.

Essa diferenciação entre situação traumática ontogenética e situação traumática filogenética é fundamental, para nossa perspectiva de englobar as teses propostas por Freud numa formulação teórica única. Através dela, podemos entender o que distingue a produção de angústia na neurose de angústia e na histeria de angústia: na primeira, trata-se da ativação de um sinal adquirido, (através de uma descarga econômica vivenciada pelo sujeito) daí a sua denominação de neurose "atual", ao passo que, na histeria de angústia que já faz parte da bagagem filogenética. Esse engrama filogenético corresponde a estrutura afetiva da angústia da castração que, quando reativado, constitui a causa dos processos defensivos que levam ao aparecimento das neuroses. O sinal filogenético é mobilizado a partir de situação de con -

flito e frustração - situação de perigo - que representam ameaças de que o aumento de excitação ultrapasse o valor limiar, levando a uma situação traumática. A angústia é, assim, antecipada e vivida de forma mitigada.

Devemos esclarecer, agora a produção da angústia como resultado da repressão.

Conforme já expusemos no capítulo 4 desse trabalho, Freud passa a considerar, em "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ a repressão, como um dos mecanismos de defesa que o ego pode utilizar perante situações de conflito. O tipo de defesa depende da fase a qual a libido regrediu e esta é determinada pelas fixações deixadas pela libido durante seu desenvolvimento; Por sua vez, o nível de fixação depende de fatores filogenéticos e de experiências infantis.²⁵

Quando, em situações de conflito e frustração, o ego sinaliza a ameaça de uma situação traumática através do sinal de angústia, ocorre uma regressão, e a repressão poderá ser um dos meios de defesa utilizados, podendo ou não combinar-se a outros desses mecanismos. O processo de formação de sintomas depende de qual defesa ou agrupamentos de defesas foi utilizado.

Já esclarecemos, em ocasiões anteriores, que no impulso instintivo estão presentes um componente ideacional e um afetivo; e ainda que a repressão significa uma decatetização da idéia e do afeto, que, como consequência, passam a fazer parte do sistema Inc., respectivamente, como uma memória (estrutura ideacional) e uma estrutura afetiva. A catexe libidinal assim liberada sofrerá um deslocamento e é o destino desse deslocamento que define que tipo de neurose aparecerá. A libido poderá deslocar-se seja para uma memória kinestésica, seja para uma estrutura afetiva ansiosa seja para uma outra memória e outra estrutura afetiva. Como resultado de cada um desses deslocamentos possíveis temos, respec

tivamente, a histeria de conversão, a histeria de angústia e a neurose obsessiva. O termo reprimido aplica-se desse modo, apenas as estruturas ideacional e afetivas, podendo a libido retirada de cada uma dessas estruturas ser deslocada, convertida ou transformada em angústia.

Desse modo, fica esclarecido que a angústia é apenas um dos resultados obtidos através da repressão, pelo deslocamento da libido.

Queremos enfatizar que é o nível de fixação da libido o fator decisivo, que determina o que será feito da catexa liberada com a repressão. Nesse caso, o nível de fixação é o fator específico da escolha da neurose.

CONCLUSÃO

Pudemos mostrar que existem na obra freudiana três teorias sobre a Angústia: a teoria da Angústia Econômica ou Automática, na qual a angústia é uma descarga que se efetuou quando um acúmulo de excitação sexual ultrapassa um valor limiar, no sistema Psi-nuclear; não há elaboração psíquica desse acúmulo de excitação que, então, não se descarrega de forma adequada. A segunda teoria da angústia aparece em 1909,¹⁴ quando a histeria de conversão passa a fazer parte do quadro das psiconeuroses. Nessa época, Freud considera que a angústia é um dos resultados possíveis de serem obtidos através da transformação da libido, liberada com a repressão. Ou seja, a angústia é produto da repressão. Posteriormente, em 1926, no ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia",³³ reformula esse ponto de vista anterior, e, considerando o ego a sede da angústia, passa a reconhecer como causa da repressão, a liberação intencional de angústia por parte do ego, quando se defronta com situações de perigo. As situações de perigo correspondem a ameaças de ocorrência de uma situação traumática, na qual um acúmulo de excitação, que ultrapasse um valor limiar se instala no sistema Psi-nuclear, não sendo o ego capaz de controlá-lo. Freud refere-se aos vários determinantes do perigo que aparecem nas várias fases de desenvolvimento do indivíduo, considerando que o que há de comum neles é a presença de uma perda ou separação do objeto, ou de, uma perda de amor do objeto. Inicialmente, considera a angústia do ato do nascimento como o protótipo das expressões posteriores desse afeto; mas, posteriormente, modifica esse ponto de vista, referindo-se a angústia da castração, registrada filogeneticamente como

resíduo de experiências traumáticas anteriores, como o verdadeiro protótipo das reações de angústia.

Com o abandono de sua primeira teoria de angústia Freud não conseguiu explicar, entretanto, o aparecimento do afeto ansioso após a repressão. Podemos notar, como expusemos no Capítulo 5. desse trabalho, certas afirmações contraditórias no decorrer do ensaio "Inibição, Sintoma e Angústia", que mostram claramente como o autor teve dificuldade em conciliar seu novo ponto de vista, aos resultados observados com a repressão.

O que pretendemos demonstrar nesse trabalho é que essas "três teorias" que pudemos retirar da obra freudiana são componentes de uma mesma teoria e referem-se a etapas do mesmo processo. O sinal de angústia (melhor seria dizermos o estado afetivo ansioso que corresponde a ativação do sinal de angústia) só pode ser liberado pelo ego se já existir, no sistema Psi-Pallium um engrama de uma angústia econômica primitivamente experienciada. O engrama dessa situação traumática pode ser adquirido através da experiência do indivíduo, isto é ontogeneticamente (neurose "atual") ou pode já fazer parte da bagagem filogenética, e, nesse caso, trata-se do engrama da castração.

Quisemos esclarecer que o processo que termina no aparecimento da neurose, inicia-se numa situação de conflito e frustração, que representam situações de perigo para o ego; é, então, ativado o sinal de angústia filogenético, a partir do qual a defesa se efetua. Pretendemos esclarecer que a regressão é a condição para o aparecimento da defesa; é o nível de fixação que determina a qual fase a libido regredirá e, ainda, qual defesa será utilizada pelo ego nessa situação de conflito. O nível de fixação é determinado numa "série complementar", tanto por fatores constitucionais inatos, que definem qual a fase de evolução da libido é dominante em relação as demais, como pelas experiências infantis. Na causação da neurose estão presentes, portanto, tanto os fatores da predisposição por fixação (causa específica.)

como as experiências traumáticas acidentais adultas (frustração e conflito). Esses determinantes situam-se numa série complementar, isto é, a menor participação do outro.

Se, dependendo do nível de fixação, será a repressão o mecanismo de defesa utilizado, vários resultados podem ser obtidos. Como a repressão significa a decatetização da idéia e do afeto, componentes do impulso instintivo, que passam a fazer parte do sistema Inc., como uma estrutura ideacional (memória) e uma estrutura afetiva, é o destino da catexa liberada que vai definir, o tipo de neurose resultante. Se seu deslocamento efetuar-se sobre uma memória kinestésica, aparecerá uma histeria de conversão; no caso da catexa deslocar-se sobre outra estrutura ideacional ou afetiva qualquer, teremos uma neurose obsessiva; e, ainda, se a libido deslocar-se sobre uma estrutura afetiva ansiosa, o resultado será a histeria de angústia.

Com essa exposição pretendemos demonstrar que o estado afetivo ansioso, (sinal de angústia) corresponde a reativação do engrama de uma angústia econômica, que pode ser adquirido ou já estar presente como uma herança da espécie; a ativação desse engrama leva ao aparecimento da regressão, condição para o aparecimento da defesa. Se o tipo de defesa utilizado for a repressão, um dos resultados possíveis de se obter através dela é a - angústia. Portanto, a expressão desse estado afetivo ansioso, como consequência da repressão, em nada contradiz a formulação de um sinal de angústia como causa da repressão. São duas etapas de um mesmo processo e não, como afirma Freud, duas teorias irreconciliáveis sobre a angústia.

BIBLIOGRAFIA

1. Barros, C. P. - "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology", in S. Arieti (ed.), *The World Biental of Psychiatry an Psychotherapy*. New York: Basic Book, 1971. Vol. 1.
2. Earp, A. C. - "Uma reavaliação metapsicológica dos conceitos de defesa, repressão e resistência". (Tese de Mestrado em Psicologia), R.J.: P.U.C.- R.J.1972.
3. Freud, S. & Breuer, J. - "On the Psychological Mechanism of Hysterical Phenomena: Preliminary Communication" (1893), in Strachey (ed.), *Standard Edition*. London: Hogarth Press, 1971. Vol 2.
4. Freud, S. - "The Neuro-Psychoses of Defense" (1894), in Strachey (ed.), *Standard Edition*. London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.
- 4a. Freud, S. - "Further remarks on the Neuro-Psychoses of defense" (1896), in Strachey (ed.), *Standard Edition*. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 3.
5. Freud, S. - "On the Grounds for Detaching a Particular Syndrome from Neurasthenia under the Descriptions Anxiety Neurosis" (1895), in Strachey (ed.), *Standard Edition*. London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.
- 5a. Freud, S. - "Freud's Abstracts of His Works" (1897), in Strachey (ed.), *Standard Edition*, London: Hogarth Press, 1971. Vol. 3.

6. Freud, S. - "Obsessions and Phobias" (1895) in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 3.
7. Freud, S. - "A Reply to Criticisms of my Paper on Anxiety Neurosis" (1895), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.
8. Freud, S. - "Heredity and Aetiology of the Neuroses" (1896), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.
9. Freud, S. - "Sexuality in the Aetiology of the Neuroses" (1898), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.
10. Freud, S. - "The Interpretation of Dreams" (1900) in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vols. 4 & 5.
11. Freud, S. - "Three Essays on the Theory of Sexuality" (1905), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.7.
12. Freud, S. - "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria" (1905), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 7.
13. Freud, S. - "My views on the part played by Sexuality in the Aetiology of the Neurosis" (1906), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.7.
14. Freud, S. - "Analysis of a Phobia in a Five-year-Old Boy" (1909), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.10.

15. Freud, S. - "Notes upon a Case of Obsessional Neurosis" (1909), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.10.
16. Freud, S. - "Five|Lecture on Psycho-Analysis"(1910), in Strachey (ed.), Standard Edition. London : Hogarth Press, 1971, Vol.11.
17. Freud, S. - "Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a case of Paranoia"(1911) , in Strachey (ed.), Standard Edition. London : Hogarth Press, 1971. Vol. 12.
18. Freud, S. - "Formulation on the Two Principles of Mental Functioning"(1911), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press,1971.Vol.12.
19. Freud, S. - "Types of Onset of Neurosis" (1912), in Strachey (ed.), Standard Edition. London:Hogarth Press, 1971. Vol.12.
- 20.Freud, S. - "The Disposition to Obsessional Neurosis " (1913), in Strachey (ed.), Standard Edition . London: Hogarth Press, 1971. Vol 12.
21. Freud, S. - "On the History of the Psycho-Analytic Movement" (1914), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.14.
22. Freud, S. - "Instincts and their Vicissitudes"(1915), in Strachey (ed.), Standard Edition. London : Hogarth Press, 1971. Vol.14.
23. Freud, S. - "Repression" (1915), in Strachey (ed.) , Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971 . Vol.14.

24. Freud, S. - "The Unconscious" (1915), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 14.
25. Freud, S. - "Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1917), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1917. Vols. 15 & 16.
26. Freud, S. - "From the History of an Infantile Neurosis" (1918), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 17.
27. Freud, S. - "Beyond the Pleasure Principle" (1920), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 18.
28. Freud, S. - "The Ego and the Id" (1923), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 19.
29. Freud, S. - "The Infantile Genital Organization" (1923), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 19.
30. Freud, S. - "The Dissolution of the Oedipus Complex" (1924), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 19.
31. Freud, S. - "Neurosis and Psychosis" (1924), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 19.
32. Freud, S. - "An Autobiographical Study" (1925), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 20.

33. Freud, S. - "Inhibitions, Symptoms and Anxiety" (1926), in Strachey (ed.), Standard Edition. London : Hogarth Press, 1971. Vol. 20.
34. Freud, S. - "New Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1933), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.22.
35. Freud, S. - "An Outline of Psycho-Analysis" (1940) , in Strachey(ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol. 23.
36. Freud, S. - "Draft E" (1950), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press. Vol.1. (escrito em, 1894).
37. Freud, S. - "Draft G" (1950), in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971. Vol.1. (escrito em, 1895).
38. Freud, S. - "Project for a Scientific Psychology" (1950) in Strachey (ed.), Standard Edition. London : Hogarth Press, 1971. Vol 1. (escrito em, 1895).
39. Laplanche, J. & Pontalis, J. B. - "Vocabulário de Psicanálise", Santos, Brasil: Livraria Martin Fontes, 1970.
40. Neves M. A. - "Correspondência Formal entre os Modelos psicodinâmicos de S. Freud e K. Lewin", (Tese de Mestrado em Psicologia), R. J.: P.U.C.-R.J. 1972.
41. Strachey, J. - Appendix in Freud, S. - The Term "Angst" and its English Translation, in Strachey (ed.), Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971 . Vol 3.

42. Strachey, J. - Editor's Introduction in Freud, S. -
Inhibition Symptoms and Anxiety, in Strachey (ed.)
Standard Edition. London: Hogarth Press, 1971,
Vol. 20.
43. Strachey, J. - Editor's Introduction in Freud, S. -
Repression, in Strachey (ed.), Standard Edition.
London: Hogarth Press, 1971. Vol 14.
44. Strachey J. - Editor's Introduction In Freud, S. -
The Unconscious, in Strachey (ed.), Standard Edi
tion. London: Hogarth Press, 1971. Vol 14.
45. Strachey, J. - Editor's Introduction in Freud, S. -
On the Grounds for Detaching a Particular Syndrome
form Neurasthenia under the Description Anxiety
Neurosis, in Strachey (ed.), Standard Edition .
London: Hogarth Press, 1971. Vol.3.

Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores :

Circe Navarro Rivas

Profa. Circe Navarro Rivas

Carlos Paes de Barros

Dr. Carlos Paes de Barros

Ma. Aparecida C.M. Neves

Profa. Ma. Aparecida C.M. Neves

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1975.

Stella Coimbra Strass

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas.

